

CHARLAINE HARRIS



# TRAIÇÃO DE SANGUE

A SAGA DO SANGUE FRESCO - VOLUME VI

*Tradução de Renato Carreira*



**SAÍDA DE EMERGÊNCIA**  
Para quem quer fugir da rotina

VOLUMES PUBLICADOS NESTA SÉRIE:

*Sangue Fresco*  
*Dívida de Sangue*  
*Clube de Sangue*  
*Sangue Oculto*  
*Sangue Furtivo*  
*Traição de Sangue*

Obviamente, este livro foi concluído meses antes de o Furacão Katrina atingir a costa do Golfo do México. Porque grande parte do enredo se desenrola em Nova Orleães, pensei se deveria ou não deixar o livro tal como estava ou incluir a catástrofe de Agosto e Setembro. Depois de pensar muito, porque a visita de Sookie decorre no início da Primavera, decidi deixar o livro como foi originalmente escrito.

O meu coração está com os habitantes da bela cidade de Nova Orleães e com a população das áreas costeiras do Mississípi, o meu estado natal. Ter-vos-ei no pensamento e lembrar-vos-ei nas minhas orações enquanto reconstroem os vossos lares e as vossas vidas.



## Agradecimentos

A minha gratidão é devida a muita gente: a Jerrilyn Farmer, professora de Latim do meu filho; a Toni L.P. Kelner e Steve Kelner, amigos e cobaias; a Ivan Van Laningham, que possui conhecimentos e emite opiniões sobre muitos, muitos assuntos; à Dra. Stacy Clanton, acerca de quem poderei dizer o mesmo; a Alexandre Dumas, autor do fabuloso Três Mosqueteiros, que todos deviam ler; a Anne Rice, por ter vampirizado Nova Orleães; e ao leitor na Uncle Hugo's que adivinhou o enredo deste livro... obrigada a todos vós!





# 1

Um dos homens mais belos que alguma vez vira rodeava-me com o braço e fitava-me nos olhos.  
— Pensa... Brad Pitt — sussurrei. Os olhos castanho-escuros continuaram a mirar-me com interesse remoto.

Muito bem. Estava no rumo errado.

Recordei o amante anterior de Claude, um segurança num clube de *strip*.

— Pensa no Charles Bronson — sugeri. — Ou... hmm... no Edward James Olmos. — Fui recompensada pelo princípio de um brilho caloroso naqueles olhos de pestanas longas.

Num instante, pensar-se-ia que Claude faria subir a minha saia comprida e enfunada e puxaria para baixo o meu corpete decotado, possuindo-me até lhe implorar por misericórdia. Infelizmente para mim (e para todas as mulheres do Louisiana), Claude jogava por outra equipa. Louras peitudas não eram o seu ideal. O seu fogo seria ateado por alguém duro, rude e misterioso, talvez com barba de um dia.

— Maria-Star, puxa aquela madeixa de cabelo para trás — orientou Alfred Cumberland por trás da câmara. O fotógrafo era um negro encorpado com cabelo e bigode a ficarem grisalhos. Maria-Star Cooper atravessou-se diante da câmara com passos rápidos para compor uma madeixa rebelde do meu longo cabelo louro. Estava inclinada para trás sobre o braço direito de Claude, com a minha mão esquerda invisível

(para a câmara, pelo menos) segurando desesperadamente as costas da sua casaca preta e com o braço direito erguido e a mão repousando delicadamente sobre o seu ombro esquerdo. A mão esquerda dele segurava-me pela cintura. Acho que a pose pretendia sugerir que me baixava até ao chão para se aproveitar de mim.

Claude vestia uma casaca preta com calças pretas pelo joelho, meias brancas e uma camisa branca de folhos. Eu cobria-me com um vestido azul longo com saia enfunada e vários saiotes sobrepostos. Como referi, o vestido era bastante revelador na parte de cima, com as pequenas mangas puxadas para baixo e descobrindo os ombros. Agradou-me que a temperatura no estúdio estivesse moderadamente quente. A grande luz (aos meus olhos, parecia uma antena parabólica) não aquecia tanto como esperara.

Al Cumberland ia tirando fotografias enquanto Claude me lançava olhares tórridos. Esforcei-me por retribuir. A minha vida íntima tinha sido estéril, digamos, durante as semanas anteriores, e estava desejosa de lançar olhares inflamados a alguém. Na verdade, estava pronta para irromper em chamas.

Maria-Star, com a sua magnífica pele bronzeada e cabelo escuro encaracolado, estava por perto, pronta com o seu grande estojo de maquilhagem, escovas e pentes para se ocupar de reparações de última hora. Quando Claude e eu chegámos ao estúdio, surpreendeu-me descobrir que reconhecia a jovem assistente do fotógrafo. Não via Maria-Star desde a escolha do líder da alcateia de Shreveport algumas semanas antes. Não tivera grande oportunidade para a observar nessa altura, já que as provas de eleição do líder tinham sido assustadoras e sangrentas. Naquele dia, pude ver que Maria-Star tinha recuperado por completo depois de ser atropelada por um carro no passado mês de Janeiro. Os lobisomens saravam depressa.

Maria-Star também me reconheceu e senti-me aliviada quando me retribuiu o sorriso. A minha posição perante a alcateia de Shreveport era, no mínimo, incerta. Sem me ter oferecido para o fazer, apoiara o candidato derrotado ao posto de líder da alcateia. O seu filho, Alcide Herveaux, que talvez considerasse mais do que um amigo, sentia que o tinha desiludido durante a prova. O novo líder, Patrick Furan, sabia que eu tinha laços com a família Herveaux. Surpreendeu-me que Maria-Star fizesse conversa de circunstância enquanto corria o fecho do vestido e me escovava o cabelo. Aplicou mais maquilhagem do que eu usara em toda a minha vida, mas, quando me vi ao espelho, tive



de lhe agradecer. Estava com óptimo aspecto, apesar de não parecer a Sookie Stackhouse.

Se Claude não fosse *gay*, talvez também se tivesse sentido impressionado. É irmão da minha amiga Claudine e ganha a vida a fazer *strip* nas noites femininas da *Hooligans*, uma discoteca que passou a pertencer-lhe. Claude é simplesmente delicioso. Um metro e oitenta de altura, com cabelo negro ondulado e grandes olhos castanhos, um nariz perfeito e lábios adequadamente carnudos. Mantém o cabelo comprido para cobrir as orelhas. Foram cirurgicamente alteradas para parecerem redondas como as orelhas humanas e não pontiagudas como eram originalmente. Quem estiver por dentro do mundo sobrenatural, perceberá a cirurgia e saberá que Claude é uma fada. Não uso o termo para me referir em sentido pejorativo à sua orientação sexual. Digo-o literalmente. Claude é uma fada.

— Agora a máquina de vento — disse Al a Maria-Star. Depois de a ajustar um pouco, ligou uma grande ventoinha. Foi como se um vento forte comesse a soprar sobre nós. O meu cabelo era projectado para trás como uma rajada loura, mas o rabo-de-cavalo de Claude mantinha-se no sítio. Após algumas fotografias para o captar com essa aparência, Maria-Star soltou-lhe o cabelo e libertou-lho sobre o ombro, de forma a que formasse um ângulo com o seu perfil perfeito. — Maravilhoso — considerou Al, fazendo mais algumas fotografias. Maria-Star moveu a máquina de vento algumas vezes, fazendo o vento soprar de direcções diferentes. Depois, Al disse-me que me podia erguer. Endireitei-me, agradecida.

— Espero não te ter forçado demasiado o braço — disse a Claude, que voltara a parecer frio e calmo.

— Não te preocupes. Tens sumo? — perguntou a Maria-Star. Claude não era a pessoa mais delicada do mundo.

A bela lobisomem apontou um pequeno frigorífico a um canto do estúdio.

— Os copos estão por cima — disse-lhe. Seguiu-o com o olhar e suspirou. Era frequente que as mulheres o fizessem depois de terem falado com ele. Era um suspiro de pena.

Depois de conferir que o patrão continuava ocupado a mexer no equipamento, Maria-Star esboçou-me um sorriso luminoso. Apesar de ser lobisomem, o que tornava difícil ler-lhe os pensamentos, captava que tinha algo para me dizer... e também que não sabia como eu reagiria.

A telepatia não é divertida. A opinião que temos de nós próprios sofre quando sabemos o que os outros pensam a nosso respeito. E a telepatia torna quase impossível sair com homens normais. Pensem nisso. (E não esqueçam que saberei se o fizerem... ou não.)

— O Alcide tem passado um mau bocado desde a derrota do pai — disse Maria-Star, mantendo a voz baixa. Claude estava ocupado a admirar-se ao espelho enquanto bebia sumo. Al Cumberland atendera uma chamada no telemóvel e retirara-se para o seu gabinete para poder conversar à vontade.

— Não duvido — respondi. Porque Jackson Herveaux tinha sido morto pelo seu adversário, era previsível que o filho passasse por altos e baixos. — Fiz um donativo de condolências à ASPCA e sei que informarão Alcide e Janice — disse. (Janice era a irmã mais nova de Alcide, o que significava que não era lobisomem. Pensei como teria Alcide explicado à irmã a morte do pai.) Como resposta, recebi um cartão de agradecimento impresso, como os que costumam ser enviados por agências funerárias, sem uma única palavra manuscrita.

— Bom... — Parecia incapaz de pôr cá fora o que quer que tivesse atravessado na garganta. Captava um vislumbre. A dor trespassou-me como uma faca e, a seguir, abafei-a e usei o meu orgulho para me resguardar. Aprendera a fazê-lo bem cedo na vida.

Peguei num álbum com provas do trabalho de Alfred e comecei a folheá-lo, quase sem olhar as fotografias de noivos, *bar mitzvahs*, primeiras comunhões, bodas de prata. Fechei o álbum e pousei-o. Tentava parecer casual, mas acho que não funcionou.

Com um efusivo sorriso que duplicava a expressão de Maria-Star, disse:

— Alcide e eu nunca fomos realmente um casal. — Podia ter tido esperanças, mas nunca tiveram oportunidade de amadurecer. O momento nunca foi adequado.

Os olhos de Maria-Star, de um castanho muito mais claro que os de Claude, arregalaram-se de espanto. Ou seria de medo?

— Ouvi dizer que conseguias fazê-lo — disse. — Mas é difícil acreditar.

— Sim — retorqui, com cansaço. — Ainda bem que sais com o Alcide e não tenho nada a dizer sobre o assunto, mesmo que tivesse. E não tenho. — Disse-o de rompante (e nem era inteiramente verdade), mas suponho que Maria-Star percebeu a intenção: salvar a face.

Quando não tive notícias de Alcide nas semanas que se seguiram

à morte do pai, soube que o que sentira por mim se esgotara. Fora um golpe, mas não um golpe fatal. Sendo realista, não esperara dele outra coisa. Mas bolas. Gostava dele e atinge-nos sempre quando descobrimos que fomos substituídas com aparente facilidade. Afinal, antes da morte do pai, Alcide sugerira que vivêssemos juntos. Agora, juntava os trapinhos com a lobisomem jovem, talvez planeando uma ninhada de cachorrinhos.

Travei aquela linha de pensamento. Devia ter vergonha! Não era necessário comportar-me como uma cadela. (Pensando nisso, era precisamente o que fazia Maria-Star pelo menos três noites por mês.)

Devia ter ainda mais vergonha.

— Espero que sejam muito felizes — disse-lhe.

Passou-me outro álbum sem dizer nada. Aquele dizia CONFIDENCIAL. Quando o abri, percebi que era destinado a olhos sobrenaturais. Eram fotografias de cerimónias que os humanos nunca viam... um casal vampiro vestindo um traje elaborado, posando diante de um *ankh* gigante. Um jovem a meio de uma transformação em urso, presumivelmente a primeira da sua vida. O retrato de uma alcateia de lobisomens com todos os seus membros transformados em lobos. Al Cumberland, fotógrafo do bizarro. Não admirava que tivesse sido a primeira escolha de Claude para as fotografias que esperava conseguissem lançar-lhe a carreira de modelo de capas de romances.

— Fotografia seguinte — gritou Al, saindo do seu gabinete e fechando o telefone. — Maria-Star, acabámos de ser contratados para um casamento duplo na vizinhança da menina Stackhouse. — Pensei se teria sido contratado por humanos comuns ou para cobrir algum evento sobrenatural, mas seria falta de educação perguntar.

Claude e eu voltámos a aproximar-nos. Seguindo as indicações de Al, ergui a saia para mostrar as pernas. Na era representada pelo meu vestido, não me parecia que as mulheres bronzeassem ou depilassem as pernas e as minhas estavam morenas e suaves como um rabo de bebé. Mas não importava. Talvez os homens também não andassem com as camisas desabotoadas.

— Erga a perna como se fosse rodeá-lo com ela — disse Alfred. — Agora, Claude, é a tua oportunidade para brilhar. Tens de parecer prestes a despir as calças a qualquer momento. Queremos que as leitoras arfem quando te virem!

O portefólio de Claude seria usado no concurso Sr. Romance, organizado anualmente pela revista *Romantic Times Book Reviews*.

Depois de partilhar a sua ambição com Al (supus que se teriam conhecido numa festa), Al aconselhara Claude a fazer fotografias com o tipo de mulher que aparecia frequentemente na capa de livros românticos. Explicou à fada que a sua aparência morena seria realçada por uma loura de olhos azuis. Eu era a única loura de peito generoso que Claude conhecia disposta a ajudá-lo de forma gratuita. Claro que Claude conhecia *strippers* que o teriam feito, mas exigiriam pagamento. Com o seu habitual tacto, Claude dissera-mo a caminho do estúdio fotográfico. Poderia ter guardado esses pormenores para si próprio, o que me faria sentir bem por ajudar o irmão de uma amiga, mas, como era costume, partilhou tudo.

— Muito bem, Claude. Fora com a camisa — disse Alfred.

Claude estava habituado a ouvir gente a pedir-lhe que se despisse. Tinha um peito largo e sem pêlos, com uma musculatura impressionante. Ficava muito bem sem camisa. Não me afectou. Talvez comesse a ficar imune.

— Saia, perna — recordou-me Alfred. Disse a mim própria que era trabalho. Al e Maria-Star eram muito profissionais e impessoais e dificilmente alguém poderia ser mais frio do que Claude. Mas não estava habituada a erguer a saia perante olhos alheios e por achar que era uma coisa muito pessoal. Apesar de mostrar a mesma extensão de perna quando usava calções sem nunca corar, de alguma forma, puxar a longa saia para cima era um gesto um pouco mais carregado sexualmente. Cerrei os dentes e puxei o tecido, prendendo-o a intervalos para o manter no sítio.

— Menina Stackhouse, tem de parecer que lhe agrada — disse Al. Espreitou-me por cima da câmara, franzindo a testa de uma forma inegavelmente insatisfeita.

Tentei não amuar. Dissera a Claude que lhe faria um favor e todos os favores deverão ser feitos de livre vontade. Ergui a perna para colocar a coxa em paralelo com o chão e apontei os dedos dos pés nus para baixo, esperando conseguir uma pose graciosa. Coloquei as duas mãos sobre os ombros nus de Claude e ergui os olhos para ele. A sua pele era quente e suave. Mas não de forma erótica ou excitante.

— Parece enfadada, menina Stackhouse — disse Alfred. — É suposto querer saltar-lhe para a espinha. Maria-Star, fá-la parecer mais... mais. — Maria aproximou-se para puxar mais as pequenas mangas de balão pelos meus braços abaixo. Entusiasmou-se demasiado e congratulei-me por o corpete estar apertado.

A verdade era que Claude podia passar o dia inteiro lindo e seminu e continuaria a não o desejar. Era mal-humorado e tinha maus modos. Mesmo que fosse heterossexual, não seria o meu tipo... depois de dez minutos de conversa.

Como Claude fizera antes, tive de recorrer à fantasia.

Pensei no vampiro Bill, o meu primeiro amor, em todos os sentidos. Mas, em vez de luxúria, senti ira. Bill saía com outra mulher há algumas semanas.

Muito bem. Que tal Eric, o patrão de Bill e antigo víquingue? O vampiro Eric partilhara a minha casa e a minha cama durante alguns dias em Janeiro. Não. Havia perigo nesse rumo. Eric conhecia um segredo que queria ocultar para o resto da vida. Apesar de, por estar amnésico quando o alojei, não ter sabido que o segredo estaria algures na sua mente.

Ocorreram-me mais algumas caras. A do meu patrão, Sam Merlotte, proprietário do *Merlotte's Bar*. Não. Era melhor não ir por aí. Imaginar o patrão nu é mau. Hmm... Alcide Herveaux? Não. Sobretudo por estar acompanhada pela sua actual namorada... Tinha esgotado o material de fantasia e teria de recorrer a algum favorito fictício.

Mas as estrelas de cinema pareciam insípidas depois de ter habitado o mundo sobrenatural desde o dia em que Bill veio ao *Merlotte's*. A última experiência remotamente erótica que tivera, estranhamente, envolvera a minha perna ensanguentada a ser lambida. Isso fora... perturbador. Mas, mesmo naquelas circunstâncias, alvoroçara partes profundas de mim. Recordei a forma como a cabeça calva de Quinn se movia enquanto me limpava a ferida de uma forma muito pessoal, a firmeza dos seus dedos grandes e quentes sobre a minha perna...

— Isso serve — disse Alfred, começando a tirar fotografias. Claude pousou a mão na minha coxa nua quando me senti os músculos começarem a tremer com o esforço de manter a posição. Novamente, um homem segurava-me a perna. Claude segurou-me suficientemente a coxa para a apoiar um pouco. Ajudou bastante, mas não era nada erótico.

— Agora umas fotografias na cama — disse Al, no momento preciso em que decidi que não aguentaria mais.

— Não — dissemos eu e Claude em unísono.

— Mas faz parte do pacote — disse Al. — Não precisam de se despir. Não faço esse tipo de fotografia. A minha mulher matava-me. Podem deitar-se na cama como estão. O Claude apoia-se num cotovelo e olha para si, menina Stackhouse.

— Não — disse, com firmeza. — Tire fotografias dele sozinho junto à água. Será melhor. — Havia um lago falso num canto e imagens de Claude, aparentemente nu, com gotículas de água escorrendo-lhe pelo peito exposto que seriam extremamente apelativas (para qualquer mulher que não o tivesse conhecido pessoalmente).

— Que te parece, Claude? — perguntou Al.

O narcisismo de Claude deu sinais de vida.

— Acho que seria óptimo, Al — respondeu, tentando não parecer demasiado entusiasmado.

Dirigi-me para o vestiário, desejosa de me livrar do vestido e de voltar às minhas calças de ganga. Olhei em redor, procurando um relógio. Devia voltar ao trabalho às cinco e meia e tinha de fazer um desvio por Bon Temps para ir buscar a farda antes de ir para o *Merlotte's*.

Claude disse:

— Obrigado, Sookie.

— De nada, Claude. Boa sorte com a carreira de modelo. — Mas já estava ocupado a admirar-se ao espelho.

Maria-Star acompanhou-me à saída.

— Adeus, Sookie. Foi bom voltar a ver-te.

— Também a ti — menti. Mesmo através das névoas avermelhadas da mente de um lobisomem, consegui ver que Maria-Star não percebia porque rejeitaria eu Alcide. Afinal, o lobisomem tinha uma beleza máscula, era uma companhia divertida e um macho de sangue quente. Além disso, era proprietário da sua empresa de agrimensura e era um homem rico.

A resposta saltou-me à ideia e falei antes de pensar.

— Alguém procura ainda a Debbie Pelt? — Era como se pressionasse a língua num dente dorido. Debbie fora a amante intermitente de Alcide durante muito tempo. Ela fora uma grande peça.

— As mesmas pessoas não — respondeu Maria-Star. A sua expressão tornou-se mais sombria. Maria-Star não gostava mais de pensar em Debbie do que eu, apesar de ter motivos diferentes para isso. — Os detectives contratados pela família Pelt desistiram. Disseram que estariam a aproveitar-se da família se continuassem. Foi o que ouvi dizer. A polícia não o disse, mas também chegaram a um beco sem saída. Só encontrei os Pelt uma vez, quando vieram a Shreveport depois de a Debbie desaparecer. São um casal bastante selvagem. — Pestanejei. Era uma afirmação muito drástica vinda de uma lobisomem. — A filha, Sandra, é a pior. Era doída pela Debbie e é por ela que ainda consultam

gente, incluindo gente muito estranha. Quanto a mim, acho que foi raptada. Ou talvez se tenha suicidado. Quando Alcide a renegou, talvez tenha perdido o juízo.

— Talvez — murmurei, mas sem convicção.

— Está melhor sem ela. Espero que continue desaparecida — disse Maria-Star.

A minha opinião era a mesma, mas, ao contrário de Maria-Star, sabia exactamente o que acontecera a Debbie. Fora isso a afastar-me de Alcide.

— Espero que não volte a vê-la — disse Maria-Star, com a face atraente sombria e expondo também um pouco do seu lado selvagem.

Alcide podia namorar com Maria-Star, mas não lhe confidenciara tudo. Sabia muito bem que não voltaria a ver Debbie. E a culpa era minha, percebem?

Matei-a.

Aceitara mais ou menos o facto, mas continuava a vir-me à memória. É impossível matar alguém e suportar a experiência sem mudar. As consequências alteram-nos a vida.

Dois padres entraram no bar.

Isto parecerá o início de um milhão de anedotas. Mas estes padres não traziam um canguru com eles e não havia nenhum rabino nem nenhuma loura à sua espera. Vira muitas louras, um canguru no jardim zoológico e nenhum rabino. E vira aqueles padres muitas vezes antes. Jantavam juntos em semanas alternadas.

O padre Dan Riordan, barbeado e corado, era o padre católico que vinha à pequena igreja de Bon Temps uma vez por semana, ao sábado, para celebrar a missa. E o padre Kempton Littrell, pálido e barbudo, era o sacerdote episcopal que celebrava a Santa Eucaristia na minúscula igreja episcopal de Clarice, semana sim, semana não.

— Olá, Sookie — disse o padre Riordan. Era irlandês. Irlandês a sério, não apenas descendente de irlandeses. Adorava ouvi-lo falar. Usava óculos grossos com aros negros e andava pelos quarenta anos.

— Boa noite, padre. Olá, padre Littrell. Que posso trazer-vos?

— Quero um uísque com gelo, menina Sookie. E tu, Kempton?

— Pode ser uma cerveja. E uma dose de frango panado, por favor. — O padre episcopal usava óculos de aros dourados e era mais jovem do que o padre Riordan. Tinha um coração escrupuloso.

— Com certeza. — Sorri aos dois. Porque tinha lido as suas men-



tes, sabia que eram ambos homens genuinamente bons e isso deixava-me feliz. Era sempre desconcertante ouvir o conteúdo da cabeça de um sacerdote e perceber que não são melhores do que nós e, pior ainda, que nem sequer tentam sê-lo.

Porque anoitecera por completo lá fora, não me surpreendeu ver entrar Bill Compton. Os padres não podiam dizer o mesmo. As igrejas americanas não tinham conseguido aceitar a realidade dos vampiros. Dizer que as suas posturas eram confusas era um eufemismo. A Igreja Católica organizava naquele preciso momento um concílio para decidir se deveria declarar os vampiros malditos e uma anátema para os católicos ou aceitá-los como crentes potenciais. A Igreja Episcopal votara contra a aceitação de vampiros como sacerdotes, apesar de poderem receber a comunhão. Mas uma percentagem substancial dos leigos dizia que apenas permitiriam que isso acontecesse por cima dos seus cadáveres. Infelizmente, a maioria não compreendia a facilidade com que isso poderia precisamente suceder.

Os dois padres observaram com uma expressão miserável enquanto Bill me aplicava um beijo rápido na bochecha antes de se sentar à sua mesa preferida. Quase nem os olhou, abrindo o jornal e começando a ler. Parecia sempre sério, como se estudasse as páginas da secção económica ou as notícias do Iraque. Mas sabia que começava por ler a coluna de aconselhamento e, a seguir, as tiras de banda desenhada, mesmo que fosse frequente não perceber as piadas.

Estava sozinho, o que era uma mudança agradável. Habitualmente, trazia consigo a encantadora Selah Pumphrey. Eu odiava-a. Porque Bill fora o meu primeiro amor e também o meu primeiro amante, talvez nunca conseguisse esquecê-lo por completo. Talvez ele não quisesse que o esquecesse. Parecia arrastar Selah para o *Merlotte's* em todos os seus encontros. Calculei que me esfregasse a nova namorada na cara. Não era exactamente o que faria alguém que já não se importasse, não?

Sem ter de pedir, levei-lhe a sua bebida preferida, *TrueBlood* tipo O. Pousei-a à sua frente com cuidado, sobre um guardanapo e voltei-me quando uma mão fria me tocou o braço. O seu toque sobressaltava-me sempre. Talvez nunca deixasse de o fazer. Bill deixava sempre claro que o excitava e, após uma vida inteira sem relacionamentos e sem sexo, comecei a mover-me com confiança depois de Bill tornar claro que me achava atraente. Outros homens começaram também a olhar-me como se me tivesse tornado mais interessante. Sabia agora porque as pessoas pensavam tanto em sexo. Bill dera-me uma educação esmerada.



— Sookie, fica por um momento. — Baixei a cara para os olhos castanhos que pareciam ainda mais escuros na face pálida de Bill. O cabelo também era castanho, liso e suave. Era magro e tinha ombros largos, com braços musculados dignos do agricultor que fora. — Como tens passado?

— Estou ótima — respondi, tentando não parecer surpresa. Não era frequente que Bill perdesse tempo a dizer coisas que não tinham um propósito claro. A conversa de circunstância não era o seu ponto forte. Mesmo quando estávamos juntos, nunca fora o que alguém consideraria bom conversador. E até um vampiro poderá viciar-se em trabalho. Bill tornara-se um maníaco da informática. — As coisas têm-te corrido bem?

— Sim. Quando irás a Nova Orleães para reclamar a tua herança?

Aquilo conseguiu surpreender-me a sério. (É possível por não conseguir ler a mente dos vampiros. É por isso que gosto tanto deles. É maravilhoso estar com alguém que é um mistério para mim.) A minha prima tinha sido assassinada quase seis semanas antes em Nova Orleães e Bill estava comigo quando o emissário da rainha do Louisiana me viera informar... e entregar o assassino para que o julgasse.

— Suponho que terei de passar pelo apartamento da Hadley Al- gures no próximo mês. Ainda não falei com o Sam para me dar alguns dias.

— Lamento a perda da tua prima. Tens sofrido?

Não via Hadley há anos e teria sido mais estranho do que conseguiria traduzir em palavras se a tivesse visto depois de se transformar numa vampira. Mas, como alguém com muito poucos parentes vivos, odiava perder mais um.

— Um pouco — respondi.

— Não sabes quando irás?

— Ainda não decidi. Lembras-te do advogado dela, o Sr. Cata- liades? Disse que me avisava quando o testamento fosse processado. Prometeu manter o sítio em boas condições e, quando o conselheiro da rainha dá uma garantia, é impossível não a aceitar. Para ser sincera, não tenho tido grande interesse.

— Talvez te acompanhe quando fores a Nova Orleães, se não te importares de viajar acompanhada.

— Ora — disse, com uma ponta de sarcasmo —, a Selah não se importará? Ou virá contigo? — Seria uma viagem muito divertida.

— Não. — E ficou por ali. Era impossível extrair alguma coisa

a Bill quando unia os lábios daquela forma. Sabia-o por experiência própria. Estava francamente confusa.

— Mantenho-te informado — disse, tentando percebê-lo. Apesar de ser doloroso estar na companhia de Bill, confiava nele. Nunca me magoaria. Nem deixaria que o fizessem. Mas é possível magoar alguém de várias formas.

— Sookie — chamou o padre Littrell. Afastei-me.

Olhei para trás, vendo que Bill sorria. Era um sorriso tímido, mas comportando grande satisfação. Não sabia o que significava, mas gostava de ver Bill sorrir. Talvez esperasse ressuscitar a nossa relação?

O padre Littrell disse:

— Não sabíamos se querias ou não ser interrompida. — Olhei-o, confusa.

— Estávamos um pouco preocupados por falares com o vampiro durante tanto tempo e com tanta atenção — disse o padre Riordan. — Não estaria o velhaco infernal a tentar enfeitiçar-te?

Subitamente, o sotaque irlandês perdeu todo o encanto. Olhei-o, intrigada.

— Está a brincar, não está? Sabe que eu e o Bill namorámos durante um bom tempo. Parece-me óbvio que não sabe muito sobre velhacos infernais se acredita que o Bill poderá ser um deles. — Vira coisas muito mais sinistras do que Bill na nossa pacata cidade de Bon Temps ou nas suas imediações. Algumas dessas coisas foram humanas. — Padre Riordan, compreendo a minha vida. E compreendo a natureza dos vampiros muito melhor do que alguma vez compreenderá. Padre Littrell — continuei —, quer mostarda ou *ketchup* com o frango panado?

O padre Littrell escolheu mostarda, parecendo algo atordoado. Afastei-me, esforçando-me por esquecer o pequeno incidente e pensando no que fariam os dois padres se soubessem o que acontecera naquele bar um par de meses antes, quando a clientela se unira para me livrar de alguém que tentava matar-me.

Porque se tratara de um vampiro, seria provável que tivessem aprovado.

Antes de partir, o padre Riordan aproximou-se para me «dar uma palavrinha».

— Sookie, sei que não estás muito satisfeita comigo neste momento, mas preciso de te perguntar uma coisa a pedido de outras pessoas. Se o meu comportamento te deixou menos disposta a ouvir-me, ignora-o, por favor, e concede a estas pessoas a tua atenção.

Suspirei. Pelo menos, o padre Riordan tentava ser um bom homem. Acenei com a cabeça, relutante.

— És uma boa rapariga. Fui contactado por uma família de Jackson...

Todos os meus alarmes começaram a soar. Debbie Pelt era de Jackson.

— A família Pelt, sei que ouviste falar deles. Continuam a procurar notícias da sua filha, que desapareceu em Janeiro. Chamava-se Debbie. Contactaram-me porque o seu padre me conhece e sabe que sirvo a congregação de Bon Temps. Os Pelt gostariam de se encontrar contigo, Sookie. Querem falar com todos os que viram a sua filha na noite do seu desaparecimento e receiam que não os recebesses se se limitassem a aparecer-te à porta. Receiam que estejas irritada por teres sido questionada pelos seus detectives privados e por a polícia ter falado contigo, o que talvez te tenha deixado indignada.

— Não quero vê-los — disse. — Padre Riordan, já disse tudo o que sei. — Era verdade. Apenas não o dissera à polícia ou aos Pelt. — Não quero voltar a falar sobre a Debbie. — Também era verdade. Uma grande verdade. — Diga-lhes que, com todo o respeito, não há mais nada a dizer.

— Transmitirei as tuas palavras — tornou. — Mas devo dizer, Sookie, que me sinto desiludido.

— Então, suponho que tenha sido uma noite má para mim — disse. — Por perder a sua consideração.

Partiu sem mais uma palavra, que era exactamente o que eu queria.





## 2

**A**proximava-se a hora do fecho na noite seguinte quando aconteceu outra coisa estranha. No momento em que Sam nos fez sinal para começarmos a dizer aos clientes que seria a sua última bebida, entrou no *Merlotte's* alguém que pensei não voltar a ver.

Movia-se de forma silenciosa para um homem tão grande. Manteve-se de pé, do lado de dentro da porta, procurando uma mesa livre e dei pela sua presença graças ao reflexo da iluminação ténue do bar na sua cabeça rapada. Era muito alto e muito largo, com um nariz orgulhoso e dentes grandes e brancos. Tinha lábios cheios e pele morena, usando uma espécie de casaco desportivo cor de bronze sobre a camisa e calças pretas. Mesmo que parecesse mais natural com botas de motociclista, calçava mocassins polidos.

— Quinn — disse Sam, em voz baixa. As suas mãos imobilizaram-se, mesmo na altura em que misturava um Tom Collins. — Que faz ele aqui?

— Não sabia que o conhecias — disse, sentindo-me corar enquanto recordava que pensara no homem calvo ainda no dia anterior. Fora ele a limpar-me o sangue da perna com a língua. Uma experiência interessante.

— Todos no meu mundo conhecem o Quinn — disse Sam, com uma expressão neutral. — Mas surpreende-me que o tenhas conhecido, já que não és metamorfa. — Ao contrário de Quinn, Sam não

é um homem grande, mas é muito forte, como é frequente entre os metamorfos, e o seu cabelo encaracolado de um louro dourado emoldura-lhe a cabeça como uma auréola angelical.

— Conheci-o nas provas de escolha do líder de alcateia — disse. — Era o... hmm... mestre de cerimónias. — Naturalmente, Sam e eu faláramos da mudança de liderança na alcateia de Shreveport. Shreveport não fica muito longe de Bon Temps e as actividades dos lobisomens são bastante importantes para qualquer metamorfo.

Um verdadeiro metamorfo, como Sam, pode transformar-se em qualquer coisa, mesmo que cada metamorfo tenha um animal preferido. Para tornar a questão mais confusa, todos os que conseguem passar da forma humana a uma forma animal se consideram metamorfos, apesar de muito poucos possuírem a versatilidade de Sam. Metamorfos que conseguem apenas transformar-se num animal podem transformar-se em tigres (como Quinn), em ursos ou em lobos. Os lobos são os únicos a adoptar a designação «lobisomens» e consideram-se superiores em dureza e cultura a quaisquer outros metamorfos.

Os lobisomens são também os metamorfos mais numerosos, apesar de, comparados com a população total de vampiros, o seu número ser muito reduzido. Há várias razões para que isto aconteça. A taxa de natalidade entre os lobisomens é baixa, a mortalidade infantil é mais elevada do que entre os humanos comuns e apenas o primeiro filho nascido de um casal de lobisomens puros se transforma também num lobisomem. A primeira transformação ocorre durante a puberdade, como se a puberdade não possuísse já inconvenientes em número suficiente.

Os metamorfos são muito zelosos dos seus segredos. É um hábito difícil de quebrar, mesmo com uma humana compreensiva e estranha como eu. Ainda não assumiram publicamente a sua existência e vou aprendendo pormenores sobre o seu mundo em pequenos passos.

Também Sam possui muitos segredos que desconheço e considero-o um amigo. Transforma-se num *collie* e é frequente visitar-me nessa forma. (Por vezes, dorme no tapete junto à minha cama.)

Só vira Quinn na sua forma humana.

Não o referira quando contei a Sam o duelo entre Jackson Herveaux e Patrick Furnan pela liderança da alcateia de Shreveport. Sam franziu-me a testa, desagradado por não lho ter dito, mas não o fizera de propósito. Voltei a olhar Quinn. Erguera um pouco o nariz. Farejava o ar, procurando um rasto. Quem procuraria?

Quando se dirigiu sem vacilar a uma mesa na minha secção, apesar das muitas mesas vazias na secção mais próxima em que trabalhava Arlene, percebi que me procurava.

Muito bem. Aquilo provocava sentimentos contraditórios.

Olhei de lado para Sam para perceber qual seria a sua reacção. Confiava nele há cinco anos e nunca traía a minha confiança.

Acenou-me afirmativamente. Mas não parecia feliz.

— Vai ver o que ele quer — disse, com voz tão grave que era quase um rosnado.

Fiquei cada vez mais nervosa quanto mais me aproximava do novo cliente. Sentia as bochechas corar. Porque me afectava tanto?

— Olá, Sr. Quinn — disse. Seria estúpido fingir que não o reconhecia. — Que posso trazer-lhe? Receio que estejamos quase a fechar, mas há tempo para lhe servir uma cerveja ou outra bebida.

Fechou os olhos e inspirou profundamente, como se interiorizasse o meu cheiro.

— Conseguiria reconhecer-te numa sala escura — disse, sorrindo-me. Era um sorriso amplo e magnífico.

Olhei noutra direcção, contendo o sorriso involuntário que me dominou os lábios. Comportava-me de modo algo... tímido. Nunca me fazia de tímida. Talvez «ingénua» fosse um termo mais adequado e desagradava-me por completo.

— Suponho que deverei agradecer-te — arrisquei, com cautela. — Isso é um elogio?

— Era essa a intenção. Quem é o cão atrás do balcão que me lança aquele olhar de «mantém-te longe»?

Disse «cão» como constatação de um facto e não como insulto.

— É o meu patrão, Sam Merlotte.

— Interessa-se por ti.

— Espero que sim. Trabalho para ele há uns cinco anos.

— Hmm. Que tal uma cerveja?

— Claro. De que marca?

— *Bud*.

— Vem já aí — disse, voltando-me. Soube que me olhou até chegar ao balcão porque conseguia sentir-lhe o olhar. E também sabia pela sua mente, apesar de ser uma mente de metamorfo cuidadosamente trancada, que me olhava com admiração.

— Que quer ele? — Sam parecia quase... eriçado. Se estivesse na sua forma canina, o pêlo nas suas costas erguer-se-ia.

— Uma *Bud* — respondi.

Sam fitou-me com desagrado.

— Não me referia a isso. E tu sabe-lo bem.

Encolhi os ombros. Não fazia ideia do que queria Quinn.

Sam fez embater o copo cheio sobre o balcão junto aos meus dedos, sobressaltando-me. Olhei-o fixamente para me certificar de que percebia que me desagradara e levei a cerveja a Quinn.

Quinn pagou-me a cerveja e acrescentou uma gorjeta generosa (não uma gorjeta ridiculamente alta, que me faria sentir comprada), que guardei no bolso. Comecei a recolher pedidos pelas outras mesas.

— Estás de visita a alguém nesta zona? — perguntei-lhe, quando passei por ele a caminho de limpar outra mesa. A maioria dos clientes pagava e ia saindo do *Merlotte's*. Longe da cidade, havia um bar aberto pela noite dentro, cuja existência Sam fingia ignorar, mas a maior parte dos clientes habituais do *Merlotte's* voltava a casa para dormir. Se um bar conseguisse ser familiar, o *Merlotte's* era-o.

— Sim — respondeu. — A ti.

Aquilo deixou-me sem resposta.

Mantive-me em movimento e fui despejar os copos do tabuleiro de forma tão ausente que quase deixei cair um. Não conseguia recordar um momento em que me sentira igualmente agitada.

— Por motivos pessoais ou de negócio? — perguntei, na ocasião seguinte em que me aproximei.

— Ambos — respondeu.

A parte do negócio fez desvanecer-se parcialmente o prazer, mas deixou-me com atenção redobrada... e isso era positivo. Era necessária toda a concentração quando se lidava com sobrenaturais. As criaturas sobrenaturais tinham objectivos e desejos que as pessoas comuns não conseguiam alcançar. Sabia-o, já que, durante toda a vida, fora um receptor involuntário de objectivos e desejos humanos «normais».

Quando Quinn se tornou uma das poucas pessoas presentes no bar, além das outras empregadas e de Sam, ergueu-se e olhou-me de forma expectante. Aproximei-me, exibindo um sorriso radiante, como faço quando me sinto tensa. Agradou-me perceber que Quinn estava igualmente tenso. Sentia a tensão no seu padrão cerebral.

— Ver-te-ei em tua casa, se aceites. — Olhou-me com seriedade. — Se te deixar nervosa, poderemos encontrar-nos noutra local. Mas quero falar contigo esta noite, a não ser que estejas exausta.

Fora dito de forma adequadamente educada. Arlene e Danielle



esforçavam-se para não olhar fixamente (esforçavam-se por olhar fixamente sempre que não havia o perigo de Quinn as surpreender), mas Sam voltara as costas para fazer qualquer coisa atrás do balcão, ignorando o outro metamorfo. Comportava-se muito mal.

Processei rapidamente o pedido de Quinn. Se viesse a minha casa, estaria à sua mercê. Vivo num sítio remoto. O meu vizinho mais próximo é o meu ex, Bill, que vive do outro lado do cemitério. Por outro lado, se Quinn fosse alguém com quem tivesse saído regularmente, deixaria que me levasse a casa sem pensar duas vezes. Pelo que conseguia captar nos seus pensamentos, não pretendia fazer-me mal.

— Muito bem — disse, por fim. Descontraiu e esboçou-me novamente o seu amplo sorriso.

Levei-lhe o copo vazio e apercebi-me de três pares de olhos que me seguiam com desaprovação. Sam estava muito desagradado e Danielle e Arlene não conseguiam compreender porque alguém poderia preferir-me a mim e não a elas, apesar de Quinn deixar apreensivas até aquelas duas empregadas de bar experientes. Emitia uma sensação de estranheza que seria perceptível até pelo humano mais prosaico.

— Estarei pronta num minuto — disse.

— Leva o tempo que quiseres.

Terminei de encher o pequeno rectângulo de porcelana sobre cada mesa com pacotes de açúcar e adoçante. Certifiquei-me de que os suportes de guardanapos estavam cheios e verifiquei o conteúdo dos saleiros e dos pimenteiros. Fui buscar a bolsa ao gabinete de Sam e despedi-me dele.

Quinn dirigiu-se a uma carrinha verde-escura, pronto para me seguir. Iluminada pelos candeeiros do parque de estacionamento, a carrinha parecia nova a estrear, com pneus e jantes reluzentes, uma cabina alongada e caixa coberta. Apostava que viria carregada com extras. A carrinha de Quinn era o veículo mais janota que via há muito tempo. O meu irmão, Jason, ter-se-ia babado e falo de alguém com chamuscas rosa e azuis pintadas nos lados da sua carrinha.

Dirigi-me para sul pela Hummingbird Road e virei à esquerda, entrando no caminho de acesso à minha casa. Depois de o percorrer ao longo de quase um hectare de floresta, alcancei a clareira onde se erguia a velha casa da minha família. Ligara as luzes exteriores quando partira e havia uma luz de segurança no poste de electricidade que se acendia automaticamente, o que significava que a clareira estava bem iluminada. Estacionei atrás da casa e Quinn parou a meu lado.

Saiu da carrinha e olhou em redor. A luz de segurança mostrou-lhe um pátio ordeiro. O caminho estava em excelente estado e pintara recentemente a arrecadação nas traseiras. Havia um tanque de propano, impossível de disfarçar por qualquer esforço paisagístico, mas a minha avó plantara muitos canteiros de flores, além dos que a minha família estabelecera durante os cerca de cento e cinquenta anos que ali tinha vivido. Vivia naquela terra, naquela casa desde os sete anos e adorava-a.

Não há nada de grandioso na minha casa. Começou como casa de uma quinta familiar e foi ampliada e remodelada ao longo dos anos. Mantenho-a limpa e tento cuidar do pátio. Grandes reparações estão além das minhas capacidades, mas Jason costuma ajudar-me. Não ficou feliz quando a avó me deixou a casa e a terra, mas mudou-se para a casa dos nossos pais quando fez vinte e um anos e nunca lhe pedi pagamento pela minha metade da propriedade. O testamento da avó pareceu-me justo. Jason levou algum tempo a admitir que fora a decisão certa.

Tínhamo-nos tornado mais próximos nos últimos meses.

Destranquei a porta das traseiras e permiti que Quinn entrasse na cozinha. Olhou em redor com curiosidade enquanto eu pendurava o casaco sobre uma das cadeiras colocadas em redor da mesa no centro da cozinha, onde costumava comer.

— Isto não está terminado — ouvi-o dizer.

Os armários repousavam no chão, preparados para serem montados. Depois disso, toda a divisão teria de ser pintada e a superfície das bancadas seria montada. Só depois teria descanso.

— A minha cozinha foi queimada há umas semanas — expliquei. — O construtor teve um cancelamento e construiu esta em tempo recorde, mas os armários não chegaram a tempo e pôs a equipa a trabalhar noutra casa. Quando os armários chegaram, quase tinham terminado o trabalho. Suponho que voltarão, eventualmente. — Entretanto, podia, pelo menos, voltar a habitar a minha casa. Sam fora tremendamente generoso ao permitir que morasse numa das suas casas alugadas (e admito que adorara o chão nivelado, a canalização nova e o facto de ter vizinhos), mas não havia nada como estar em casa.

O fogão novo estava montado e podia cozinhar. Também colocara uma placa de contraplacado sobre os armários e podia usá-la como superfície de trabalho enquanto cozinhasse. O frigorífico novo reluzia e emitia um zumbido baixo. Era completamente diferente do que a avó

tivera durante trinta anos. A cozinha nova surpreendia-me sempre que entrava pelo alpendre traseiro, agora maior e fechado, abrindo a porta das traseiras nova e mais pesada, com o seu óculo e o trinco.

— É aqui que começa a casa velha — disse, passando da cozinha ao corredor. Apenas foi necessário substituir algumas tábuas no soalho do resto da casa e tudo foi limpo e pintado. As paredes e os tectos tinham sido manchados pelo fumo e precisei também de erradicar o cheiro a queimado. Substituí algumas cortinas, deitei fora um tapete ou outro e limpei, limpei, limpei. O trabalho ocupara cada momento livre que tive durante algum tempo.

— Um bom trabalho — considerou Quinn, estudando a junção das duas partes.

— Vamos para a sala — disse, agradada. Gostava de mostrar a casa a alguém agora que sabia que os estofos estavam limpos, que não havia cotão e que o vidro sobre as fotografias estava reluzente. As cortinas da sala tinham sido substituídas, algo que quisera fazer durante pelo menos um ano.

Deus abençoe os seguros e Deus abençoe o dinheiro que ganhei por esconder Eric de uma inimiga. Abrira um buraco nas minhas poupanças, mas tinha o dinheiro quando precisei dele e podia sentir-me grata por isso.

A lareira estava pronta para ser acesa, mas a temperatura era demasiado alta para justificar uma fogueira. Quinn sentou-se numa poltrona e eu sentei-me diante dele.

— Posso trazer-te uma bebida? Uma cerveja, café ou chá gelado? — perguntei, consciente do meu papel de anfitriã.

— Não, obrigado — respondeu ele. Sorriu-me. — Quis voltar a ver-te desde que te conheci em Shreveport.

Tentei manter os olhos nele. O impulso para baixar o olhar para os pés ou para as mãos era quase avassalador. Os seus olhos tinham realmente o roxo muito escuro que recordava.

— Foi um dia duro para os Herveaux — disse-lhe.

— Saíste com o Alcide durante algum tempo — referiu, com uma voz neutral.

Pensei em algumas respostas possíveis. Decidi-me por:

— Não o vejo desde a escolha do líder da alcateia.

Esboçou um sorriso amplo.

— Então não namoram?

Abanei a cabeça.

— Quer dizer que estás descomprometida?

— Sim.

— Não piso os calos a ninguém?

Tentei sorrir, mas o meu esforço não foi bem-sucedido.

— Não disse isso. — Havia calos. Calos que ficariam muito doidos. Mas que não tinham qualquer direito de se intrometerem.

— Suponho que conseguirei lidar com ex-namorados rancorosos. Sairás comigo?

Olhei-o durante um segundo ou dois, avaliando mentalmente as implicações. Do seu cérebro captava apenas esperança. Não via qualquer tentativa de engano ou egoísmo. Quando examinei as reservas que tinha, dissolveram-se em nada.

— Sim — respondi. — Sairei. — O seu belo sorriso branco levou-me a retribuir e, daquela vez, o meu sorriso era genuíno.

— Ótimo — disse. — Resolvemos a parte do prazer. Agora, vamos à parte do negócio, que não está relacionada.

— Está bem — retorqui, arquivando o sorriso. Esperei ter oportunidade para o exibir mais tarde, mas qualquer negócio que tivesse comigo estaria relacionado com criaturas sobrenaturais e, por isso, seria motivo de ansiedade.

— Ouviste falar da conferência regional?

A conferência de vampiros. Os reis e rainhas de vários estados reunir-se-iam para discutir... assuntos vampíricos.

— O Eric disse-me qualquer coisa sobre o assunto.

— Já te contratou para trabalhares lá?

— Referiu que poderia precisar de mim.

— Porque a rainha do Louisiana soube que eu estava na área e pediu-me para requisitar os teus serviços. Acho que o seu pedido suplantou o do Eric.

— Terias de pedir ao Eric.

— Parece-me que terás apenas de o informar. Os desejos da rainha são ordens para o Eric.

Senti a expressão alegre desabar. Não queria dizer nada a Eric, o xerife da Área Cinco do Louisiana. Os seus sentimentos por mim eram confusos. Posso assegurar-vos que os vampiros não gostam de se sentir confusos. O xerife perdera a memória do período curto que passou escondido em minha casa. Esse buraco nas recordações deixara-o louco. Gostava de controlar e isso implicava conhecer as suas acções durante cada segundo da noite. Por isso, esperou até poder fazer algo por mim

e, como pagamento, exigiu que lhe relatasse o que acontecera no tempo que passou comigo.

Talvez tivesse levado a franqueza um pouco longe demais. Eric não se surpreendeu por termos dormido juntos, mas ficou atordoado quando lhe contei que propusera abdicar da sua posição conquistada a custo na hierarquia dos vampiros para viver comigo.

Se conhecessem Eric, saberiam que isso lhe foi praticamente intolerável.

Deixou de falar comigo. Olhava-me fixamente sempre que nos víamos, como se tentasse ressuscitar as suas memórias desse tempo, para provar que estava errada. Entristeceu-me ver que o relacionamento entre nós (não a felicidade secreta dos poucos dias que passámos juntos, mas a relação divertida entre um homem e uma mulher com pouco mais em comum além do sentido de humor) parecia já não existir.

Sabia que me caberia dizer-lhe que a sua rainha se sobrepusera ao que desejava, mas não queria fazê-lo.

— O sorriso desapareceu por completo — observou Quinn. Também parecia sério.

— Bom, o Eric é... — Não sabia como terminar a frase. — É um tipo complicado — disse, cabisbaixa.

— Que faremos no nosso primeiro encontro? — perguntou Quinn. Tinha muito talento para mudar de assunto.

— Poderíamos ir ao cinema — respondi, alinhando.

— Poderíamos. Depois, poderíamos jantar em Shreveport. Talvez no *Ralph and Kacoo's* — sugeriu.

— Ouvi dizer que o estufado de lagostins é bom — disse, continuando a manter a conversa viva.

— E quem não gosta de um estufado de lagostins? Ou poderíamos jogar bowling.

O meu tio-avô fora um jogador de bowling ávido. Conseguia visualizar os seus pés, com os sapatos de bowling calçados, à minha frente. Estremeci.

— Não sei jogar.

— Poderíamos ir a um jogo de hóquei.

— Isso talvez tivesse piada.

— Poderíamos cozinhar juntos na tua cozinha e ver um DVD.

— Talvez seja melhor guardar isso para outra ocasião. — Parecia-me demasiado pessoal para um primeiro encontro. Não que tivesse tido grande experiência com primeiros encontros. Mas sabia que a

proximidade de um quarto nunca era boa ideia, a não ser quando não existiam problemas em permitir que os acontecimentos da noite conduzissem nessa direcção.

— Poderíamos ir ver *Os Produtores*. O espectáculo vai estar no Strand.

— A sério? — Pronto. Admito que fiquei entusiasmada. O renovado Teatro Strand de Shreveport recebia espectáculos itinerantes que iam de peças teatrais a bailado. Nunca vira uma peça a sério. Não seria horrivelmente caro? Certamente, ele não teria referido a possibilidade se não pudesse pagar. — Poderíamos mesmo?

Acenou afirmativamente, agradado pela minha reacção.

— Posso reservar lugares para este fim-de-semana. E o teu trabalho?

— Estou de folga na sexta à noite — disse, animada. — E... hmm... terei muito gosto em pagar o meu bilhete.

— Fui eu que convidei. Pago eu — disse Quinn com firmeza. Consegui ler na sua mente que achava surpreendente a minha proposta. E comovente. Hmm. Não me agradava. — Então está bem. Fica combinado. Quando voltar para o computador, compro os bilhetes pela internet. Sei que restam alguns bons lugares porque conferi as nossas opções antes de vir até aqui.

Naturalmente, comecei a pensar em vestuário adequado. Mas adiei a escolha para mais tarde.

— Quinn, onde vives?

— Tenho uma casa nos arredores de Memphis.

— Ah — disse, pensando que a distância me parecia muito grande para uma relação romântica.

— Sou sócio de uma empresa chamada Eventos Especiais. Somos uma espécie de sucursal secreta da Eventos Extrem(amente Elegantes). Já deves ter visto o logotipo. EE(E). — Fez os parênteses com os dedos. Acenei afirmativamente. A EE(E) organizava muitos eventos de grande requinte a nível nacional. — Há quatro sócios que trabalham a tempo inteiro para a Eventos Especiais e cada um emprega algumas pessoas a tempo inteiro ou parcial. Porque viajamos muito, temos casas por todo o país. Algumas são apenas quartos em casas de amigos ou associados e outras são apartamentos. O sítio onde me alojo nesta área fica em Shreveport. É uma casa de hóspedes nas traseiras da mansão de um metamorfo.

Aprendera muito sobre ele em apenas dois minutos.

— Então organizam eventos no mundo sobrenatural, como a escolha do líder de alcateia. — Fora um trabalho perigoso e exigindo muito equipamento especializado. — Que mais fazem? A escolha de um líder de alcateia só deve ocorrer ocasionalmente. Com que frequência tens de viajar? Que outros eventos especiais organizas?

— Costumo ocupar-me do Sudeste, da Geórgia ao Texas. — Inclinou-se para diante na poltrona, pousando as grandes mãos sobre os joelhos. — Do Sul do Tennessee à Florida. Nesses estados, quem quiser organizar um duelo para escolher um líder de alcateia, um rito de consagração de um xamã ou de uma bruxa ou um casamento hierárquico vampírico e quiser fazê-lo da forma certa, com tudo o que é exigido, procura-me.

Recordei as fotografias extraordinárias de Alfred Cumberland.

— E existem acontecimentos em número suficiente para te manterem ocupado?

— Sim — respondeu. — Claro que alguns são sazonais. Os vampiros casam-se no Inverno, porque as noites são muito mais longas. Fiz um casamento hierárquico em Nova Orleães em Janeiro do ano passado. Alguns eventos estão relacionados com o calendário Wicca. Ou com a puberdade.

Não conseguia imaginar o tipo de cerimónias que organizaria, mas a descrição teria de ficar para outra altura.

— Os teus três sócios também fazem o mesmo a tempo inteiro? Desculpa. Parece que te faço um interrogatório. Mas é uma forma demasiado interessante de ganhar a vida.

— Ainda bem que o achas. É preciso ter muito talento para lidar com os clientes e é preciso ter olho para os pormenores e para a organização.

— É preciso ser muito, muito duro — murmurei, acrescentando uma consideração pessoal.

Vi-o esboçar um sorriso lento.

— Aí não há problema. — Sim. Quinn parecia não ter qualquer problema de dureza. — E é preciso ter talento para avaliar as pessoas e poder orientar os clientes na direcção certa, deixando-os satisfeitos com o trabalho que fizemos — acrescentou.

— Podes contar-me histórias? Ou os vossos trabalhos vêm com alguma cláusula de confidencialidade?

— Os clientes assinam um contrato, mas nenhum deles pediu confidencialidade — explicou. — Na Eventos Especiais, não temos

muitas oportunidades para falar do que fazemos, claro, já que a maioria dos clientes ainda se move nos bastidores do mundo normal. É um alívio poder falar sobre o assunto. Algumas vezes tenho de dizer a uma rapariga que sou consultor ou outra falsidade do género.

— Também me alivia poder falar sem rezear a violação de segredos.

— Então foi uma sorte termo-nos encontrado, há? — O sorriso branco regressava. — É melhor deixar-te descansar. Acabas de sair do trabalho. — Quinn ergueu-se e espreguiçou-se. Era um gesto impressionante em alguém tão musculado como ele. Era possível que Quinn estivesse consciente do seu aspecto excelente quando se espreguiçava. Baixei a cara para esconder o sorriso. Não me incomodava nada que tentasse impressionar-me.

Levou a mão à minha e fez-me erguer num movimento fluido. Sentia a sua atenção focada em mim. A mão era quente e rija. Conseguiria esmagar-me os ossos com ela.

A mulher comum não pensaria na rapidez com que o seu acompanhante conseguiria matá-la, mas nunca serei uma mulher comum. Percebi-o quando tive idade suficiente para compreender que as outras crianças não sabiam o que os membros da sua família pensavam sobre elas. As outras raparigas não sabiam quando os professores gostavam delas, as desprezavam ou as comparavam com os irmãos (Jason tinha um encanto nato desde tenra idade). Nem todas as raparigas tinham um tio esquisito que tentava ficar sozinho com elas em cada reunião familiar.

Permiti que Quinn me segurasse a mão e ergui a face para olhar os seus olhos roxos como amores-perfeitos e, por um minuto, deleitei-me enquanto deixava a sua admiração cobrir-me como um banho de aprovação.

Sim, sabia que era um tigre. E não me refiro aos seus dotes na cama, apesar de não me custar a crer que também aí fosse feroz e poderoso.

Quando me deu um beijo de boa noite, senti os seus lábios na bochecha e sorri.

Gosto de um homem que saiba quando deve apressar as coisas... e quando não o deve fazer.





### 3

**R**ecebi um telefonema na noite seguinte no *Merlotte's*. Claro que não é bom que nos telefonem para o trabalho. Sam não gosta, a não ser que seja alguma emergência. Porque me ligam menos do que às outras empregadas (aliás, conseguia contar pelos dedos de uma mão as chamadas que recebera), tentei não me sentir culpada quando lhe indiquei por gestos que atenderia no telefone da sua secretária.

— Estou? — disse, com cautela.

— Sookie — disse uma voz familiar.

— Olá, Pam. — Senti-me aliviada, mas apenas por um segundo. Pam era o braço direito de Eric e era sua filha, no sentido vampírico do termo.

— O patrão quer ver-te — disse. — Ligo-te do seu gabinete.

O gabinete de Eric, nas traseiras do seu bar, o *Fangtasia*, tinha excelente isolamento sonoro. Mal conseguia ouvir a KDED, estação de rádio exclusivamente vampírica, que soava à distância. Transmitia a versão de Clapton de «*After Midnight*».

— Vejam só. É demasiado importante para fazer os seus próprios telefonemas?

— Sim — respondeu Pam. A Pam que conhecia levava tudo à letra.

— Que quer ele?

— Sigo as suas instruções — disse-me ela. — Pediu-me para ligar à telepata e liguei-te. Estás convocada.

— Pam, preciso de uma explicação um pouco melhor. Não tenho grande vontade de ver o Eric.

— Estás a ser recalcitrante?

Bolas. Aquilo não vinha no meu calendário de Palavras do Dia.

— Não sei se percebi. — É melhor confessar a ignorância do que seguir em frente, fingindo conhecimento.

Pam suspirou. Era um som sofrido.

— Estás a resistir — clarificou, tornando notório o sotaque inglês.

— E não devias fazê-lo. O Eric trata-te muito bem. — Soava vagamente incrédula.

— Não vou deixar o trabalho nem gastar tempo livre para ir a Shreveport porque o Sr. Importante quer que corra para ele sempre que me chama — protestei, de uma forma que me pareceu bastante razoável. — Pode arrastar o traseiro até aqui se me quiser dizer alguma coisa. Ou pode pegar no telefone. — Aquilo servia-lhe de lição.

— Se quisesse pegar no telefone, como disseste, tê-lo-ia feito. Vem na sexta à noite pelas oito. Ordena-me que to diga.

— Desculpa. Não pode ser.

Um silêncio significativo.

— Não vens?

— Não posso. Tenho um encontro — expliquei, tentando camuflar qualquer traço de arrogância na voz.

Outro silêncio. A seguir, ouvi um risinho trocista.

— Fantástico — disse, mudando de forma abrupta para uma expressão coloquial americana. — Vou adorar dizer-lhe isso.

A sua reacção fez-me sentir desconfortável.

— Hmm, Pam... — comecei, pensando se devia voltar atrás. — Ouve...

— Ó, não — disse ela, quase rindo às gargalhadas, o que era muito invulgar nela.

— Diz-lhe que agradeço as provas do calendário — disse. Eric, sempre a pensar em formas de tornar o *Fangtasia* mais lucrativo, tivera a ideia de fazer um calendário de vampiros para vender na pequena loja de recordações. O próprio Eric era o Sr. Janeiro. Posara com uma cama e um roupão longo de pêlo branco. Eric e a cama estavam dispostos contra um cenário cinzento pálido decorado com reluzentes flocos de neve gigantes. Não vestia o roupão, claro. Não vestia nada. Tinha um joelho dobrado sobre a cama desfeita e o outro pé no chão, enquanto lançava um olhar tórrido à câmara. (Poderia ter dado umas lições a Claude.) O

seu cabelo louro caía numa juba despenteada sobre os ombros e a mão direita segurava o roupão lançado sobre a cama, de forma a que o pêlo branco se erguesse o suficiente para cobrir a sua aparelhagem viril. Tinha o corpo ligeiramente voltado para exhibir a curva do seu traseiro de categoria mundial. Uma linha ténue de pêlos louros escuros descia para sul do umbigo. Quase gritava: «Arma escondida!»

E sabia por experiência pessoal que a pistola de Eric se aproximava mais de uma *Magnum* .357 do que de um revólver de cano curto.

Por algum motivo, nunca conseguira chegar ao mês de Fevereiro.

— Eu digo-lhe — disse Pam. — O Eric disse que muita gente não gostaria se eu aparecesse num calendário feito para mulheres... por isso, venho no que faremos para homens. Também queres que te mande uma cópia da minha fotografia?

— Isso surpreende-me — disse-lhe. — A sério que sim. Quer dizer, que não te importas de posar. — Custava-me imaginá-la a participar num projecto que apelaria ao gosto humano.

— O Eric mandou-me posar e posei — explicou, de forma pragmática. Apesar de Eric exercer um poder considerável sobre Pam por ser o seu criador, devo confessar que nunca vira Eric ordenar a Pam que fizesse algo que não estivesse disposta a fazer. Ou ele a conhecia bem (o que, obviamente, era verdade) ou Pam estava disposta simplesmente a fazer qualquer coisa. — Tenho um chicote na minha fotografia — disse Pam. — O fotógrafo diz que venderá um milhão de cópias. — Pam tinha gostos alargados no que dizia respeito ao sexo.

Após um longo momento, enquanto ponderava a imagem mental que a descrição despertava, disse:

— Não duvido, Pam. Mas não vale a pena enviáres uma cópia. Não te incomodes.

— Todos os que aceitaram posar receberão uma percentagem.

— Mas o Eric terá uma percentagem maior do que os restantes.

— Bom, é ele o xerife — disse Pam, em tom razoável.

— Claro. Então adeus. — Comecei a baixar o auscultador.

— Espera. O que digo ao Eric?

— Diz-lhe a verdade.

— Sabes que ficará furioso. — Pam não parecia assustada. Na verdade, parecia entusiasmada.

— É problema dele — retorqui, talvez de uma forma um pouco infantil. E desliguei mesmo. Um Eric furioso seria também, sem dúvida, um problema meu.

Tive uma sensação desagradável de que acabara de dar um passo significativo ao rejeitar a convocatória de Eric. Não fazia ideia do que aconteceria a seguir. Quando conheci o xerife da Área Cinco, namorava com Bill. Eric quisera que usasse o meu talento invulgar. Ameaçara magoar Bill para me fazer obedecer. Quando me separei de Bill, Eric perdera o meio de me coagir até precisar de um favor seu e, então, armara-o com a munição mais poderosa de todas: o conhecimento de que fora eu a matar Debbie Pelt. Não importava que tivesse sido ele a esconder o seu corpo e o seu carro, não conseguindo recordar o sítio. A acusação bastaria para me arruinar a vida, mesmo que nunca fosse provada. Mesmo que conseguisse forçar-me a negá-la.

Enquanto me ocupava dos meus deveres no bar durante o resto dessa noite, dei comigo a pensar se Eric revelaria realmente o meu segredo. Se contasse à polícia o que tinha feito, teria de admitir também o seu envolvimento, não?

Fui chamada pelo detective Andy Bellefleur a caminho do balcão. Conhecera Andy e a irmã, Portia, durante toda a vida. Eram alguns anos mais velhos do que eu, mas tínhamos frequentado as mesmas escolas e crescido na mesma cidade. Como eu, também tinham sido criados pela avó. O detective e eu tínhamos tido altos e baixos no nosso relacionamento. Andy namorava com uma professora jovem, Halleigh Robinson, há alguns meses.

Naquela noite, tinha um segredo para partilhar comigo e um favor a pedir-me.

— Ouve, ela vai pedir o frango panado — disse-me, indo directamente ao assunto. Olhei a mesa onde se sentavam para me assegurar de que Halleigh estava de costas para mim. Estava. — Quando trouxeres a comida para a mesa, certifica-te de que isto vem lá escondido. — Colocou-me a pequena caixa revestida a veludo na mão. Havia uma nota de dez dólares por baixo dela.

— Claro, Andy. Não te preocupes — disse, sorrindo.

— Obrigado, Sookie — disse ele. Para variar, sorriu-me. Era um sorriso simples e aterrado.

Andy acertou em cheio. Halleigh pediu o frango panado quando me dirigi à sua mesa.

— Com batatas fritas extra — disse à nossa nova cozinheira quando lhe entreguei o pedido. Queria muita camuflagem. A cozinheira voltou-se da grelha para me olhar com desagrado. Tínhamos tido uma galeria variada de cozinheiros, de todas as idades, cores, géneros e

orientações sexuais. Certa vez, tivéramos mesmo um vampiro. A nossa cozinheira actual era uma mulher negra de meia-idade chamada Callie Collins. Callie era pesada. Tão pesada que não percebia como conseguia suportar as horas que passava de pé na cozinha tórrida.

— Batatas fritas extra? — repetiu Callie, como se nunca tivesse ouvido tal coisa. — Claro. As pessoas têm batatas fritas extra quando as pagam, não por serem teus amigos.

Talvez Callie se mostrasse tão antipática por ter idade suficiente para recordar os maus velhos tempos em que negros e brancos tinham escolas diferentes, salas de espera diferentes, bebedouros diferentes. Não recordava nada disso e não estava disposta a lidar com a bagagem emocional de Callie sempre que falasse com ela.

— Pagaram — menti, não querendo dar-lhe uma explicação pela janela de serviço que qualquer pessoa poderia ouvir. Ao invés, pus um dólar da minha gorjeta na caixa para cobrir a despesa. Apesar das nossas diferenças, desejava que Andy fosse feliz com a sua professora. Qualquer pessoa destinada a casar com o neto de Caroline Bellefleur merecia um momento romântico.

Quando Callie me chamou para vir buscar o pedido, dirigi-me para a janela. Esconder a pequena caixa por baixo das batatas foi mais difícil do que imaginei e exigiu algum arranjo sub-reptício. Pensei se Andy teria percebido que o veludo ficaria engordurado e salgado. Mas o gesto romântico era dele e não meu.

Levei a travessa para a mesa com grande antecipação. Andy teve de me advertir (com um olhar severo) para adoptar uma expressão mais neutral enquanto lhes servia a comida. Andy tinha já uma cerveja à sua frente e ela um copo de vinho branco. Halleigh não bebia muito, como convinha a uma professora primária. Afastei-me assim que pus a comida na mesa, esquecendo-me mesmo de lhes perguntar se precisavam de mais alguma coisa, como deveria fazer uma empregada conscienciosa.

Não consegui alhear-me depois disso. Apesar de tentar não ser óbvia, observei o casal com atenção. Andy estava em pulgas e conseguia ouvir a agitação no seu cérebro. Não sabia mesmo se seria ou não aceite e a sua mente passava em revista rápida uma lista de coisas a que ela se poderia opor: o facto de Andy ter quase dez anos mais, a sua profissão arriscada...

Percebi de imediato quando ela encontrou a caixa. Talvez não fosse muito nobre da minha parte escutar mentalmente um momento

muito especial, mas, para dizer a verdade, nem sequer pensei nisso. Apesar de, normalmente, manter as defesas bem erguidas, habituei-me a entrar na mente das pessoas sem me aperceber de alguma coisa interessante. Também me habituei a acreditar que a minha habilidade é um defeito e não uma vantagem e suponho que isso me autorizará a extrair dela a diversão possível.

Tinha as costas voltadas para eles enquanto limpava uma mesa, algo que deveria ter deixado para o rapaz que nos ajudava. Estava suficientemente próxima para ouvir.

Ficou paralisada durante um longo momento.

— Há uma caixa na minha comida — disse, por fim, mantendo a voz muito baixa porque receava incomodar Sam se fizesse um escândalo.

— Eu sei — disse Andy. — Pedi para a colocarem aí.

Percebeu nesse momento. Tudo no seu cérebro começou a acelerar e os pensamentos quase se atropelaram uns aos outros na sua avidéz.

— Ó, Andy — sussurrou. Deve ter aberto a caixa. Precisei de me conter para não me voltar e ver o que ela estava a ver.

— Gostas?

— Sim. É lindo.

— Vais usá-lo?

Silêncio. Tinha a cabeça tão confusa. Metade gritava «Íupi!» e a outra metade sentia-se perturbada.

— Sim, mas com uma reserva — disse, lentamente.

Consegui sentir o choque dele. Andy esperara muita coisa, mas não aquilo.

— Qual é? — perguntou, falando, subitamente, mais como polícia do que como namorado.

— Temos de viver numa casa só nossa.

— O quê? — Voltara a surpreendê-lo.

— Sempre calculei que quisesse ficar na casa da família, com a tua avó e a tua irmã, mesmo depois de te casares. É uma casa magnífica e a tua avó e a Portia são grandes mulheres. — Cheia de tacto. Ainda bem para Halleigh. — Mas gostava de viver numa casa que fosse só minha — disse, delicadamente, conquistando a minha admiração.

E, nesse momento, tive de me afastar. Tinha de me ocupar de outras mesas. Mas, enquanto voltava a encher canecas de cerveja, levantava pratos vazios e levava mais dinheiro para Sam colocar na cai-

xa registadora, sentia-me espantada pela postura de Halleigh, já que a mansão dos Bellefleur era a melhor casa de Bon Temps. A maioria das jovens teria sacrificado um dedo ou dois para viver ali, sobretudo porque a grande casa tinha sido amplamente remodelada e renovada com o influxo de dinheiro vindo de um benemérito misterioso. O benemérito era Bill, que descobrira que os Bellefleur eram seus descendentes. Sabia que não aceitariam dinheiro de um vampiro e planeava o estratagemas da «herança misteriosa». Caroline Bellefleur prontificara-se a gastá-la na mansão com o mesmo gosto com que Andy comeria um *cheeseburger*.

Andy aproximou-se de mim minutos depois. Desviou-me para o lado enquanto me dirigia para a mesa de Sid Matt Lancaster e o advogado idoso teve de esperar um pouco mais pelo seu hambúrguer com batatas fritas.

— Sookie, preciso de saber — disse, com urgência, mas num tom muito baixo.

— O quê, Andy? — A intensidade alarmava-me.

— Ela ama-me? — Havia pontadas de humilhação na sua cabeça por me perguntar. Andy era orgulhoso e queria alguma garantia de que Halleigh não queria o seu apelido ou a casa da sua família, como descobrira ser o caso com outras mulheres. Já sabia o que Halleigh pensava a respeito da casa, pelo menos. Não a queria e ele mudar-se-ia para uma casa pequena e humilde com ela, se o amasse realmente.

Nunca ninguém me tinha pedido o mesmo. Depois de tantos anos a querer que as pessoas acreditassem em mim, que compreendessem o meu bizarro talento, percebi que, afinal, não me agradava ser levada a sério. Mas Andy esperava uma resposta e não podia recusar. Era um dos homens mais miseráveis que alguma vez conhecera.

— Ama-te tanto como tu a amas a ela — disse-lhe. Soltou-me o braço. Dirigi-me para a mesa de Sid Matt. Quando voltei a olhá-lo, vi que me fitava.

«Engole essa, Andy Bellefleur», pensei. A seguir, sentei-me um pouco envergonhada de mim própria. Mas não devia ter perguntado se não queria conhecer a resposta.

Havia algo na floresta que rodeava a minha casa.

Preparara-me para dormir assim que chegara porque um dos momentos preferidos de cada vinte e quatro horas era quando podia vestir a camisa de dormir. A temperatura estava suficientemente alta

para não precisar de roupão e andava por ali com a velha camisola azul pelo joelho com que costumava dormir. Pensava em fechar a janela da cozinha porque a noite de Março se tornava um pouco fria. Ouvira os sons da noite enquanto lavava a louça. As rãs e os insectos enchiam o ar com o seu coro.

De repente, os ruídos que faziam a noite parecer tão amistosa e atarefada como o dia silenciaram-se, interrompidos.

Parei o que estava a fazer, mantendo as mãos submersas na água misturada com detergente. Espreitar a escuridão não ajudou nada e percebi como estava visível, junto a uma janela escancarada e com as cortinas abertas. O pátio era iluminado pela luz de segurança, mas, além das árvores que circundavam a clareira, a floresta permanecia escura e silenciosa.

Havia ali alguma coisa. Fechei os olhos e tentei abrir a mente, descobrindo uma certa actividade. Mas não era suficientemente clara para conseguir defini-la.

Pensei em ligar a Bill, mas tinha-lhe ligado noutras ocasiões em que me preocupara com a minha segurança. Não podia permitir que se tornasse um hábito. Talvez o vigilante na floresta fosse Bill? Por vezes, vagueava durante a noite e vinha ver como eu estava. Olhei com avidez para o telefone na parede ao fundo da bancada. (Onde a bancada estaria quando fosse montada.) O meu novo telefone era portátil. Podia pegar nele, refugiar-me no quarto e ligar a Bill num piscar de olhos, já que o tinha na marcação rápida do telefone. Se atendesse, saberia que o que andava pela floresta era algo que me deveria preocupar.

E, se estivesse em casa, viria a correr. Ouviria o que lhe dissesse como: «Ó, Bill, vem salvar-me, por favor! Não consigo pensar noutra coisa além de ligar a um vampiro grande e forte para vir em meu auxílio!»

Forcei-me a admitir que sabia que o que estava na floresta não era Bill. Captara um padrão cerebral de algum tipo. Se fosse um vampiro, não teria sentido nada. Só em duas ocasiões captei um sinal de um cérebro de vampiro e fora como um breve clarão luminoso durante uma falha eléctrica.

Junto ao telefone ficava a porta das traseiras, que não estava trancada.

Nada no mundo me conseguiria manter junto ao lava-louça depois de me lembrar da porta. Corri para ela. Saí para o alpendre traseiro, corri o trinco na porta de vidro e regressiei à cozinha propriamen-



te dita, trancando a pesada porta de madeira, que equipara com uma tranqueta e um ferrolho.

Encostei-me à porta depois de ter sido devidamente trancada. Melhor do que qualquer outra pessoa que me ocorresse, conhecia a futilidade de portas e trancas. Para um vampiro, a barreira física não tinha qualquer importância... mas teria de ser convidado a entrar. Para um lobisomem, as portas representavam um obstáculo maior, mas não muito. Com a sua força incrível, podiam entrar onde desejassem. O mesmo era válido para outros metamorfos.

E se deixasse a casa sempre aberta?

No entanto, sentia-me incrivelmente melhor com duas portas trancadas entre mim e o que estivesse na floresta. Sabia que a porta da frente estava trancada, já que não a abria há dias. Não recebia muitas visitas e, normalmente, entrava e saía pelas traseiras.

Regressei cuidadosamente para junto da janela, que também fechei e tranquei. Corri as cortinas. Fizera tudo o que podia para aumentar a minha segurança. Voltei a lavar os pratos. Fiquei com um círculo molhado na frente da camisola com que dormia porque tive de me encostar ao lava-louça para serenar as pernas trémulas. Mas forcei-me a continuar até todos os pratos estarem seguros no escoador e o lava-louça ter sido limpo.

Ouvi com atenção depois disso. A floresta permanecia silenciosa. Por mais que forçasse todos os sentidos à minha disposição, não captei o mínimo sinal. Partira.

Sentei-me na cozinha durante algum tempo, ainda com o cérebro acelerado, mas acabei por me forçar a seguir a rotina habitual. O meu ritmo cardíaco tinha regressado ao normal enquanto escovava os dentes e, enfiando-me na cama, quase me convencera de que não acontecera nada na escuridão silenciosa. Mas tenho o cuidado de manter a sinceridade interna. Sabia que alguma criatura estivera na minha floresta. E essa criatura fora maior e mais assustadora do que um mapa-che.

Muito pouco tempo depois de apagar a luz da mesa-de-cabeceira, ouvi os insectos e as rãs retomarem o seu coro. Por fim, percebendo que nada o interrompia, adormeci.





## 4

**M**arqueei o número do telemóvel do meu irmão quando acordei na manhã seguinte. Não dormira muito bem, mas, pelo menos, dormira alguma coisa. Jason atendeu ao segundo toque. Parecia um pouco ansioso quando disse:

— Estou?

— Olá, mano. Como vais?

— Ouve, preciso de falar contigo. Agora, não posso. Passo por aí. Talvez dentro de uma hora ou duas. — Desligou sem sequer se despedir e parecia muito preocupado com alguma coisa. Perfeito. Precisava de mais uma complicação.

Olhei o relógio. Um par de horas dar-me-ia tempo à justa para tomar banho e ir à mercearia na cidade. Jason chegaria por volta do meio-dia e, se bem o conhecia, esperaria que lhe fizesse o almoço. Prendi o cabelo num rabo-de-cavalo e dei uma segunda volta com o elástico, fazendo uma espécie de nó. As extremidades de cabelo pairavam-me sobre a cabeça. Apesar de me esforçar para não o admitir, achava que aquele penteado improvisado era giro e fazia-me rir.

A manhã era uma daquelas manhãs frias de Março, do tipo que promete uma tarde quente. O céu estava tão claro e soalheiro que me alegrou e dirigi-me a Bon Temps com a janela aberta, acompanhando as músicas no rádio tão alto quanto a voz o permitia. Numa manhã daquelas teria cantado até alguma coisa de Weird Al Yankovic.

Passei por áreas de floresta, por uma ou outra casa e por um pasto cheio de vacas (e alguns búfalos; era impossível adivinhar o que as pessoas eram capazes de criar).

O locutor passou «*Blue Hawaii*», um clássico, e fez-me pensar onde andaria o vampiro a quem chamavam apenas Bubba. Não o via há três ou quatro semanas. Talvez os vampiros do Louisiana o tivessem transferido para outro esconderijo ou talvez andasse a deambular, como fazia de vez em quando. Era isso que originava aqueles artigos publicados pelos jornais que vendem nas caixas de supermercado.

Apesar da minha alegria, ocorreu-me um daqueles pensamentos dispersos que se lembram de surgir em momentos inesperados. Pensei: «Como seria agradável que Eric estivesse comigo no carro. Ficaria tão bonito com o vento agitando-lhe o cabelo e saberia apreciar o momento.» Claro. Antes de ficar reduzido a cinzas.

Mas percebi que pensara em Eric porque era o tipo de dia que nos fazia querer partilhá-lo com a pessoa de que gostávamos, a pessoa cuja companhia nos dava maior prazer. E, no meu caso, seria Eric, como fora enquanto durou a maldição de uma bruxa, o Eric que não tinha sido endurecido por séculos de política vampírica, o Eric que não desprezava os humanos e os seus assuntos, o Eric que não geria tantas empresas e que não era responsável pelas vidas e rendimentos de muitos humanos e vampiros. Por outras palavras, seria Eric como nunca voltaria a ser.

A bruxa morreu e Eric regressou ao que era. O Eric restaurado mostrava-se cauteloso comigo, gostava de mim e não confiava em mim (ou nos seus sentimentos).

Suspirei profundamente e a canção abandonou-me os lábios. A alegria quase foi abafada no meu coração até me ordenar a deixar de ser uma idiota melancólica. Era jovem. Era saudável. O dia estava lindo. E tinha um encontro na sexta à noite. Prometi a mim mesma um grande mimo. Em vez de ir directamente à mercearia, fui à *Tara's Togs*, o pronto-a-vestir da minha amiga Tara Thornton.

Não via Tara há algum tempo. Passara férias com uma tia no Sul do Texas e, desde que voltara, tinha passado muito tempo a trabalhar na loja. Pelo menos, foi isso que disse depois de lhe ligar para agradecer o carro. Quando a minha cozinha foi incendiada, o meu carro foi destruído com ela e Tara emprestou-me o seu velho carro, um *Malibu* com dois anos. Comprara um carro novo em folha (não interessa como) e não teve coragem de vender o *Malibu*.

Para meu espanto, cerca de um mês antes, Tara enviara-me pelo correio o registo de propriedade, com uma carta onde explicava que o carro passava a pertencer-me. Liguei-lhe para protestar, mas não me quis ouvir e, no fim, parecia não haver nada a fazer além de aceitar a dádiva com gratidão.

Deu-mo como pagamento por a ter livrado de uma situação horrível. Mas, para conseguir ajudá-la, colocara-me em dívida para com Eric. Não me importara. Tara fora minha amiga durante toda a vida. Agora, estava segura, se fosse suficientemente sensata para se manter longe do mundo sobrenatural.

Apesar de me sentir grata e aliviada pelo veículo com menos anos que já possuía, ter-me-ia sentido mais feliz por continuar a ter a sua amizade. Mantivera a distância desde então, presumindo que a faria pensar em demasiadas coisas negativas. Mas sentia-me disposta a tentar rasgar esse véu. Talvez Tara tivesse tido tempo suficiente.

A *Tara's Togs* situava-se num centro comercial no lado sul de Bon Temps. Havia outro carro estacionado à frente da loja. Decidi que era positiva a presença de mais alguém. Tornaria o encontro menos pessoal.

Tara atendia Portia, a irmã de Andy Bellefleur, quando entrei. Por isso, comecei a passar em revista a roupa do meu tamanho e, logo a seguir, a roupa do tamanho imediatamente baixo. Portia sentava-se diante do balcão da *Isabelle's*, o que era bastante interessante. Tara era a representante local da *Isabelle's Bridal*, uma empresa nacional que edita um catálogo que se tornou a bíblia de tudo o que tenha a ver com casamentos. Permite experimentar amostras de vestidos de dama-de-honor na loja local e encomendar o tamanho certo. Cada vestido vem em cerca de vinte cores. Os vestidos de noiva são igualmente populares. A *Isabelle's* tinha vinte e cinco modelos diferentes. A empresa também fornece convites para despedidas de solteira, decorações, ligas, prendas de dama-de-honor e todos os elementos da parafernália matrimonial que consigam imaginar. No entanto, tratava-se, basicamente, de um fenómeno da classe média e não havia dúvidas de que Portia era uma mulher da classe alta.

Porque vivia com a avó e o irmão na mansão dos Bellefleur em Magnolia Street, Portia crescera numa espécie de esplendor gótico decadente. Agora que a mansão tinha sido reparada e com a avó a receber mais visitas, Portia parecia consideravelmente mais feliz quando a via pela cidade. Não vinha muito ao *Merlotte's*, mas, quando estava no bar,

tinha mais tempo para as outras pessoas e sorria de vez em quando. Uma mulher pouco vistosa, acabada de passar dos trinta, o seu maior trunfo era o cabelo castanho espesso e brilhante.

Portia pensava num casamento e Tara pensava em dinheiro.

— Tenho de voltar a falar com a Halleigh, mas acho que precisamos de uns quatrocentos convites — dizia Portia. Quase deixei cair o queixo.

— Muito bem, Portia. Se não te importares de pagar a taxa de urgência, estarão prontos dentro de dez dias.

— Ótimo! — Portia estava verdadeiramente agradada. — Claro que a Halleigh e eu usaremos vestidos diferentes, mas pensámos que poderíamos escolher vestidos de dama-de-honor iguais. Talvez em cores diferentes. Que te parece?

A curiosidade quase me asfixiava. Portia também se casava? Com aquele contabilista escanzelado com quem saía? Um tipo de Clarice? Tara avistou-me sobre o topo dos vestidos pendurados. Portia olhava o catálogo e Tara piscou-me o olho. Estava verdadeiramente agradada por ter uma cliente rica e não havia dúvidas de que estava tudo bem entre nós. Senti-me dominada pelo alívio.

— Acho que ter o mesmo modelo em cores diferentes, mas coordenadas, claro, seria muito original — disse Tara. — Quantas damas-de-honor serão?

— Cinco para cada uma — disse Portia, sem erguer os olhos da página diante dela. — Posso levar uma cópia do catálogo comigo? Assim, posso estudá-lo com a Halleigh esta noite.

— Só tenho mais uma cópia. Uma das formas de a *Isabelle's* fazer dinheiro é cobrando o couro e o cabelo pelo maldito catálogo — explicou Tara com um sorriso encantador. Consegue dizer as verdades quando se determina a fazê-lo. — Deixo-te levá-lo para casa se prometeres que o devolves amanhã!

Portia reagiu com um gesto infantil e prendeu o catálogo grosso por baixo do braço. Vestia um dos seus «fatos de advogada», uma saia acastanhada lisa com aspecto de *tweed*, com casaco do mesmo tecido e uma blusa de seda por baixo. Calçava meias de cor bege e sapatos de salto baixo, trazendo ainda uma bolsa a condizer. Um tédio.

Estava entusiasmada e imagens felizes rodopiavam no seu cérebro. Sabia que seria uma noiva um pouco velha, sobretudo por comparação com Halleigh, mas seria, finalmente, uma noiva. Portia não abdicaria do seu quinhão de diversão, presentes, atenção, roupas, para não

referir o reconhecimento conferido por ter um marido. Ergueu o olhar do catálogo e avistou-me junto a um cabide com calças. A sua felicidade era suficientemente profunda para englobar a minha presença.

— Olá, Sookie! — disse, quase radiante. — O Andy contou-me que o ajudaste muito com a surpresa que preparou para a Halleigh. Fico-te muito grata.

— Foi divertido — retorqui, com a minha interpretação de um sorriso gracioso. — É verdade que também estás de parabéns? — Sei que não se deve congratular a noiva, apenas o noivo, mas não me pareceu que Portia se importasse.

E não se importou.

— Vou-me casar — confessou. — E decidimos fazer uma cerimónia dupla com o Andy e a Halleigh. O copo-de-água vai ser em nossa casa.

Claro. Para quê ter uma mansão se não se puder usá-la para um copo-de-água?

— Dará muito trabalho organizar um casamento para... quando? — perguntei, tentando soar compreensiva e interessada.

— Abril. Bem podes dizê-lo — respondeu Portia, rindo-se. — A minha avó está a dar em doida. Ligou a todos os serviços de *catering* que conhece para tentar reservar algum para o segundo fim-de-semana e conseguiu, finalmente, uma vaga com a *Eventos Extrem(amente Elegantes)* porque tiveram um cancelamento. Além disso, o tipo que gere a *Floresta Esculpida* de Shreveport vem falar com ela esta tarde.

A *Floresta Esculpida* era o maior centro de planeamento paisagístico e viveiros na região, pelo menos a avaliar pelo conteúdo dos seus anúncios omnipresentes. Contratar em simultâneo a *Floresta Esculpida* e a *Eventos Extrem(amente Elegantes)* significava que aquele casamento duplo seria o maior acontecimento social em Bon Temps naquele ano.

— Estamos a pensar em fazer um casamento ao ar livre, com tendas no pátio traseiro — explicou Portia. — Se chover, teremos de transferir tudo para a igreja e fazer o copo-de-água no edifício do Centro Comunitário do Condado de Renard. Mas vamos fazer figas.

— Parece-me maravilhoso. — Não conseguia pensar em mais nada para dizer. — Como vais conseguir trabalhar com os preparativos do casamento?

— Hei-de conseguir, de alguma forma.

Pensei no motivo da pressa. Porque não esperavam os felizes casais pelo Verão, quando Halleigh não estivesse a trabalhar? Porque não

esperar, para que Portia pudesse reservar tempo no seu calendário para um casamento e uma lua-de-mel? E o homem com quem namorava não era um contabilista? Certamente, um casamento durante o período de declaração de impostos não poderia ser mais inconveniente.

Aaaah... talvez Portia estivesse grávida. Mas, se estivesse, não pensava no assunto e não me pareceu que conseguisse evitá-lo. Se eu descobrisse que estava grávida, ficaria tão feliz! Desde que o pai me amasse e quisesse casar comigo, claro. Porque não seria suficientemente rija para criar um filho sozinha e a minha avó daria voltas na sepultura se me tornasse uma mãe solteira. A postura moderna sobre esse assunto passara-lhe completamente ao lado, sem sequer despentear um fio de cabelo.

Enquanto todos aqueles pensamentos se revolviam na minha cabeça, levei um minuto a processar as palavras de Portia.

— Tenta não combinar nada para o segundo sábado de Abril — disse, com o que mais conseguia aproximar de um sorriso encantador.

Prometi que o faria, tentando não ficar boquiaberta de espanto. A febre matrimonial devia tê-la afectado com força. Porque desejaria a minha presença? Não era grande amiga de nenhum dos Bellefleur.

— Vamos pedir ao Sam para se ocupar das bebidas no copo-de-água — continuou. O meu mundo realinhou-se num padrão mais familiar. Queria-me presente para ajudar Sam.

— Um casamento durante a tarde? — perguntei. Por vezes, Sam aceitava trabalhos daquele tipo, mas o sábado costumava ser um dia movimentado no *Merlotte's*.

— Não. Será à noite — disse. — Mas já falei com o Sam esta manhã e concordou.

— Está bem — retorqui.

Leu mais coisas no meu tom do que deveria e corou.

— O Glen quer convidar uns clientes — disse, apesar de não lhe ter pedido qualquer explicação. — Só podem vir depois do anoitecer. — O contabilista chamava-se Glen Vicks. Agradava-me ter conseguido recordar o seu nome. Depois, tudo passou a fazer sentido e compreendi o embaraço de Portia. Queria dizer que os clientes de Glen eram vampiros. Ora, ora, ora. Sorri-lhe.

— De certeza que será um casamento lindo e mal posso esperar para estar presente — disse —, já que foste simpática ao ponto de me convidar. — A interpretação errada das suas palavras foi intencional e, como esperara, ficou ainda mais vermelha. A seguir, ocorreu-me uma



ideia relacionada, uma ideia tão importante que ignorei uma das minhas regras pessoais. — Portia — disse, lentamente, querendo certificar-me de que compreendia o que eu dizia —, devias convidar o Bill Compton.

Portia odiava Bill, não gostava de nenhum vampiro, mas, para atingir um objectivo próprio, chegara a sair com Bill durante pouco tempo. O que fora estranho porque Bill descobrira que era a sua tetraneeta ou coisa parecida.

Bill alinhara no suposto interesse que ela demonstrava por ele. Na altura, queria apenas descobrir o que desejava. Percebeu que Portia se arrepiava apenas por estar perto dele. Mas, quando descobriu que os Bellefleur eram os seus únicos parentes vivos, oferecera-lhes anonimamente uma grande pipa de massa.

Consegui «ouvir» que Portia pensava que lhe recordava de propósito as poucas vezes em que saíra com Bill. Não queria que lho recordassem e enfurecia-a que eu o tivesse feito.

— Porque sugeres uma coisa dessas? — perguntou, friamente. Dei-lhe uma pontuação elevada por não sair da loja com passo acelerado. Tara fazia questão de se manter ocupada junto à mesa da *Isabelle's*, mas sabia que ela conseguia ouvir a nossa conversa. Não tinha nenhum problema auditivo.

Vi-me envolvida num feroz debate interno. Finalmente, o desejo de Bill superou o que desejava para ele.

— Esquece — disse, com relutância. — O casamento é teu e a lista de convidados também.

Portia olhava-me como se me visse realmente pela primeira vez.

— Ainda namoras com ele? — perguntou.

— Não. Tem saído com a Selah Pumphrey — expliquei, mantendo a voz neutra e sem emoção.

Portia lançou-me um olhar indecifrável. Sem mais uma palavra, saiu e caminhou até ao carro.

— Que raio foi aquilo? — perguntou Tara.

Não podia explicar e, por isso, mudei de assunto para um mais próximo do coração de comerciante de Tara.

— Fico feliz por ela ter escolhido a tua loja para tratar do casamento — disse.

— Tu e eu. Se não tivesse de planear as coisas em tão pouco tempo, podes ter a certeza de que Portia Bellefleur não teria optado pela *Isabelle's* — disse Tara, com franqueza. — Teria ido a Shreveport ve-

zes sem fim para se ocupar de tudo, se tivesse tempo para o fazer. A Halleigh limita-se a ser arrastada pela Portia, coitada. Vem cá hoje à tarde e vou mostrar-lhe o mesmo que mostrei à Portia e ela terá de aceitar. Mas, para mim, tanto faz. Vão pedir o pacote completo porque o sistema da *Isabelle's* consegue entregar tudo a tempo. Convites, notas de agradecimento, vestidos, ligas, prendas de damas-de-honor e até os vestidos das mães da noiva... a senhora Caroline vai comprar um e a mãe da Halleigh também... Vão comprar tudo aqui. Ou o que tenho armazenado ou encomendam pelo catálogo. — Olhou-me de alto a baixo. — E o que te traz aqui?

— Preciso de roupa para um encontro em Shreveport — expliquei. — E tenho de ir à mercearia e voltar para casa para preparar o almoço ao Jason. Tens alguma coisa para me mostrar?

O sorriso de Tara tornou-se predatório.

— Ah — disse. — Uma coisa ou outra.

**F**elizmente, Jason chegou um pouco tarde. Terminara de fritar o bacon e colocava os hambúrgueres na frigideira quando chegou. Já tinha aberto a embalagem de pães e pus dois no seu prato, enquanto colocava também um pacote de batatas fritas sobre a mesa. Servi-lhe um copo de chá e coloquei-lho ao lado do prato.

Jason entrou sem bater, como sempre fazia. Não mudara assim tanto, pelo menos à vista desarmada, desde que começara a transformar-se numa pantera. Continuava louro e atraente e digo «atraente» no sentido abrangente do termo. Era agradável à vista, mas era também o tipo de homem que atrai olhares quando entra nalgum lado. Além disso, sempre tivera um lado maldoso. Mas, desde a transformação, começara a comportar-se como uma pessoa melhor. Não decidira ainda qual seria o motivo. Talvez ser um animal selvagem uma vez por mês satisfizesse alguma ânsia que não soubesse que tinha.

Porque fora mordido e não nascera assim, a transformação não era completa. Tornou-se uma espécie de híbrido. A princípio, isso desiludiu-o. Mas conseguiu ultrapassar. Namorava com uma pantera completa chamada Crystal há vários meses. Crystal vivia numa minúscula comunidade isolada e deixem-me dizer-vos que, quando a cidade mais próxima é Bon Temps, Louisiana, o isolamento é sério.

Dissemos uma breve oração antes de comer. Jason não atacou com o habitual ímpeto. Porque o hambúrguer me sabia bem, percebi

que o que teria na cabeça seria importante. Não conseguia ler-lhe a mente. Desde que se transformara, os seus pensamentos tinham deixado de ser claros.

Na maior parte das ocasiões, sentia-me aliviada por isso.

Depois de duas dentadas, Jason pousou o hambúrguer e a sua postura corporal alterou-se. Estava pronto para falar.

— Tenho uma coisa para te dizer — começou. — A Crystal não quer que diga a ninguém, mas estou muito preocupado com ela. Ontem... teve um aborto.

Fechei os olhos durante breves segundos. Ocorreram-me uns vinte pensamentos nesse curto espaço de tempo e não consegui levar nenhum deles até ao fim.

— Sinto muito — disse. — Espero que esteja bem.

Jason olhou-me sobre o prato com a comida que esquecera por completo.

— Não quer ir ao médico.

Olhei-o fixamente.

— Mas tem de ir — disse, num tom razoável. — Precisa de uma Dilatação e Curetagem. — Não sabia ao certo o que significavam as iniciais, mas sabia que, depois de um aborto, se ia ao hospital e era isso que lá faziam. Arlene, a minha amiga e colega de trabalho, submeteu-se a uma Dilatação e Curetagem depois do seu aborto e falou-me várias vezes do assunto. Demasiadas vezes. — Vão lá dentro e... — comecei, mas Jason interrompeu-me.

— Ei, não preciso de saber — disse, parecendo muito desconfortável. — Só sei que, por ser uma pantera, a Crystal não quis ir ao hospital. Teve de ir quando foi atacada por aquele porco selvagem, tal como o Calvin precisou de ir quando foi atingido a tiro, mas recuperaram tão depressa que ouviu alguns comentários na sala dos médicos. Por isso, não quer ir agora. Está em minha casa, mas... não está bem. Piora em vez de melhorar.

— Ai — disse. — O que se passa?

— Sangra demasiado e as pernas não funcionam como deve ser. — Engoliu em seco. — Mal consegue manter-se de pé e não é capaz de andar.

— Avisaste o Calvin? — perguntei. Calvin Norris, tio de Crystal, era o líder da pequena comunidade de panteras de Hotshot.

— Não quer que lhe diga. Receia que me mate por a ter engravidado. Também não queria que te dissesse, mas precisa de ajuda.

Apesar de a sua mãe ter morrido, Crystal tinha parentes femininas em grande número em Hotshot. Eu nunca tinha tido um bebê, nunca tinha engravidado e não era uma metamorfa. Qualquer uma delas perceberia melhor a situação do que eu. Disse-o a Jason.

— Não quero que fique sentada durante o tempo necessário para chegar a Hotshot. Sobre tudo na minha carrinha. — O meu irmão parecia teimoso como uma mula.

Durante um minuto atroz, pensei que a grande preocupação de Jason fosse que Crystal lhe manchasse os estofos com sangue. Estava prestes a saltar-lhe à garganta quando acrescentou.

— Preciso de substituir os amortecedores e receio que os saltos da carrinha naquela estrada má deixem a Crystal pior.

Então, os parentes podiam vir ajudá-la. Mas soube antes de falar que Jason encontraria um motivo para impossibilitar também isso. Tinha algum tipo de plano.

— Está bem. O que fazemos?

— Não me disseste daquela vez em que ficaste ferida que os vampiros chamaram uma médica especial para te cuidar das costas?

Não me agradava pensar naquela noite. Ainda tinha nas costas a cicatriz desse ataque. O veneno nas garras da ménade quase me matara.

— Sim — disse, lentamente. — A Dra. Ludwig. — Médica de tudo o que era bizarro e paranormal, a Dra. Ludwig era também ela uma criatura estranha. Era muito baixa. Mesmo muito. E as suas feições não eram exactamente normais. Surpreender-me-ia muito se fosse humana. Vira-a pela segunda vez na prova de escolha do líder de alcaeteia. Estivera em Shreveport nas duas ocasiões em que a vi e havia boas hipóteses de viver aí.

Porque não queria passar por cima do óbvio, retirei uma lista telefónica de Shreveport de uma gaveta por baixo do telefone montado na parede. Havia uma Dra. Amy Ludwig. Amy? Contive uma gargalhada.

Deixava-me muito nervosa abordar a Dra. Ludwig por iniciativa própria, mas, vendo como Jason estava preocupado, não podia esquivar-me a fazer um rele telefonema.

Tocou quatro vezes. A chamada foi atendida por um gravador. Uma voz mecânica disse:

— Ligou para a Dra. Amy Ludwig. De momento, a Dra. Ludwig não aceita novos pacientes, com ou sem seguro. A Dra. Ludwig não deseja amostras farmacêuticas, nem seguros de qualquer tipo. Não se interessa por investimentos financeiros ou por donativos a instituições

de solidariedade que não tenha escolhido pessoalmente. — Seguiu-se um longo silêncio, durante o qual se esperaria que a maior parte dos que ligavam acabassem por desligar. Não o fiz. Após um momento, ouvi um clique na linha.

— Está? — perguntou uma voz baixa e rouca.

— Dra. Ludwig? — perguntei, com cautela.

— Sim? Sabe que não aceito pacientes? Demasiado ocupada! — Parecia em simultâneo impaciente e cautelosa.

— Fala a Sookie Stackhouse. É a mesma Dra. Ludwig que me trouxe no gabinete do Eric no *Fangtasia*?

— És a jovem envenenada pelas garras da ménade?

— Sim. Voltei a vê-la há poucas semanas. Lembra-se?

— E onde foi? — Sabia-o muito bem, mas queria outra prova da minha identidade.

— Numa antiga tipografia num parque industrial.

— E quem geria os acontecimentos?

— Um tipo grande e careca chamado Quinn.

— Muito bem. — Suspirou. — Que queres? Estou bastante ocupada.

— Tenho uma paciente para si. Venha vê-la, por favor.

— Trá-la até mim.

— Está demasiado mal para deslocações.

Ouvi a doutora murmurar para si própria, mas não consegui perceber o que dizia.

— Apre — exclamou. — Muito bem, menina Stackhouse. Diz-me qual é o problema.

Expliquei tão bem quanto podia. Jason caminhava pela cozinha, demasiado preocupado para aguentar sentado.

— Idiotas. Imbecis — disse a Dra. Ludwig. — Explica-me como chego a tua casa. Depois, podes levar-me para o local onde se encontra a rapariga.

— É provável que tenha de ir trabalhar antes de ter tempo de aqui chegar — disse, depois de olhar o relógio e calcular o tempo que levaria a vir de carro de Shreveport. — O meu irmão ficará aqui à espera.

— É ele o responsável?

Não sabia se falava da conta pelos seus serviços ou da gravidez. De qualquer das formas, disse-lhe que, sem qualquer dúvida, Jason era o responsável.

— Vem aí — disse-lhe, depois de transmitir indicações à doutora e desligar. — Não sei quanto cobra, mas disse-lhe que pagavas.

— Claro. Como poderei reconhecê-la?

— Será impossível não a reconheceres. Disse que vinha com um motorista. Não tem altura suficiente para ver por cima do volante. Já devia esperar.

Lavei a louça enquanto Jason permanecia ansioso. Ligou a Crystal para verificar como estava e pareceu satisfeito com o que ouviu. Por fim, pedi-lhe para sair e deitar abaixo velhos vespeiros na arrecadação. Parecia não conseguir sossegar e poderia aplicar a agitação em alguma coisa útil.

Pensei na situação enquanto punha a roupa na máquina e vestia a farda de trabalho (calças pretas, camisola branca com *Merlotte's* bordado sobre o seio esquerdo, ténis *Adidas* pretos). Não me sentia bem. Preocupava-me com Crystal... E nem sequer gostava dela. Lamentava que tivesse perdido o bebé por saber que era uma experiência traumática, mas congratulava-me por Jason não ficar obrigado a casar com ela, como tinha a certeza de que faria se a gravidez não tivesse sido interrompida. Olhei em redor, procurando algo que me fizesse sentir melhor. Abri o armário para ver a minha roupa nova, a que comprara na *Tara's Togs* para usar no encontro. Mas nem isso conseguiu animar-me.

Por fim, fiz o que tinha planeado fazer antes de ouvir as notícias de Jason. Fui buscar um livro e sentei-me numa cadeira no alpendre à frente da casa, lendo ocasionalmente algumas frases enquanto ia admirando a pereira no pátio, coberta com flores brancas e rodeada por uma nuvem de abelhas zumbindo.

O sol brilhava, os narcisos acabavam de sair do seu auge e tinha um encontro na sexta-feira. E já fizera a boa acção do dia ao ligar para a Dra. Ludwig. O nó de preocupação no estômago afrouxou um pouco.

A espaços, conseguia ouvir sons vagos viajando desde o pátio traseiro. Jason encontrara alguma coisa com que se ocupar depois de lidar com os vespeiros. Talvez arrancasse ervas daninhas nos canteiros de flores. Animei-me. Seria agradável, já que eu não herdara o entusiasmo da minha avó pela jardinagem. Admirava os resultados, mas não me agradava o processo, como lhe agradara a ela.

Depois de olhar repetidamente para o relógio, aliviou-me ver um *Cadillac* cor de pérola bastante vistoso estacionar diante da casa. Havia uma forma minúscula no banco ao lado do condutor. A porta do condutor abriu-se e uma lobisomem chamada Amanda saiu. Tínhamos tido alguns desentendimentos, mas conseguíramos ultrapassá-los. Aliviou-me ver alguém conhecido. Amanda, que se assemelhava na

perfeição a uma mãe de filhos da classe média, andava pela casa dos trinta. O cabelo ruivo parecia natural, ao contrário do que sucedia com o cabelo da minha amiga Arlene.

— Olá, Sookie — disse. — Quando a doutora me disse onde íamos, senti-me aliviada porque já sabia como vir até aqui.

— Não és a motorista habitual? Gosto do penteado, já agora.

— Obrigada. — O cabelo de Amanda tinha sido cortado há pouco, de uma forma aparentemente desordenada, quase num estilo de rapaz que, estranhamente, lhe assentava bem. Digo «estranhamente» porque o corpo de Amanda era inegavelmente feminino. — Ainda não me habituei a ele — admitiu, passando a mão pelo pescoço. — Costuma ser o meu filho mais velho a levar a Dra. Ludwig, mas está na escola hoje, claro. É a tua cunhada que precisa de ajuda?

— A noiva do meu irmão — disse, tentando não parecer demasiado ávida na correcção. — A Crystal. É uma pantera.

Amanda pareceu quase respeitosa. É frequente que os lobisomens revelem apenas desprezo pelos outros metamorfos, mas algo tão formidável como uma pantera despertaria o seu interesse.

— Ouvi dizer que há um covil de panteras por aqui, algures. Nunca conheci uma.

— Tenho de ir trabalhar, mas o meu irmão vai levar-vos a sua casa.

— Então não és muito próxima da noiva dele?

Fui surpreendida pela sugestão de que o bem-estar de Crystal não me preocupava assim tanto. Talvez devesse ter corrido para a sua cabeceira, deixando Jason ali para conduzir a doutora? De repente, vi a fruição dos meus momentos de tranquilidade como um desrespeito criminoso pela saúde de Crystal. Mas não era o momento certo para me deixar levar pela culpa.

— Na verdade — disse —, não. Não somos exactamente próximas. Mas o Jason pareceu não achar que pudesse fazer alguma coisa por ela e a minha presença não seria exactamente tranquilizadora, já que simpatiza tanto comigo como eu com ela.

Amanda encolheu os ombros.

— Como queiras. Onde está?

Jason veio das traseiras da casa nesse instante, para meu alívio.

— Ainda bem — exclamou. — É a doutora?

— Não — respondeu Amanda. — A doutora está no carro. Sou só a condutora, hoje.



— Levo-as até lá. Estive ao telefone com a Crystal e não está melhor.

Senti outra pontada de remorso.

— Liga-me para o trabalho, Jason, e diz-me como está, sim? Posso ir até lá depois do trabalho e passar a noite em tua casa, se precisares de mim.

— Obrigado, mana. — Deu-me um abraço rápido e vi-lhe uma expressão estranha na face. — Ainda bem que não guardei segredo como a Crystal queria. Não acreditou que a ajudasses.

— Gosto de pensar que sou, pelo menos, uma pessoa suficientemente decente para ajudar quem precisa, sejamos próximos ou não. — Certamente, Crystal não teria imaginado que ficaria indiferente ou que me sentiria feliz pelo seu sofrimento?

Destroçada, vi os dois veículos muito diferentes descerem a estrada que conduzia à Hummingbird Road. Tranquei a casa e dirigi-me para o meu carro, com uma disposição miserável.

Dando continuidade a um dia repleto de eventos, quando entrei pela porta das traseiras do *Merlotte's* nessa tarde, Sam chamou-me ao seu gabinete.

Entre para ver o que queria, sabendo antecipadamente que havia mais gente à espera. Para meu desagrado, descobri que o padre Riordan me tinha preparado uma emboscada.

Havia quatro pessoas no gabinete de Sam, além do meu patrão. Sam não estava satisfeito, mas esforçava-se por manter boa cara. Surpreendendo-me um pouco, o padre Riordan também não se sentia satisfeito pelas pessoas que o acompanhavam. Desconfiei que saberia quem eram. Bolas. Não apenas o padre Riordan tinha trazido consigo o casal Pelt, mas trouxera também uma jovem que rondaria os dezasseis anos e que seria Sandra, a irmã de Debbie.

Os três forasteiros olharam-me atentamente. Os Pelt mais velhos eram altos e magros. Ele tinha óculos e pouco cabelo, com orelhas que se destacavam da cabeça como pegadas de uma caneca. Ela era atraente, mesmo que exagerasse um pouco na maquilhagem. Vestia um conjunto *Donna Karan* e trazia uma mala de marca conhecida. E saltos altos. Sandra Pelt vestia-se de forma mais casual, com calças de ganga e camisola de manga curta que se colavam ao corpo esbelto.

Quase não ouvi quando o padre Riordan apresentou formalmente os Pelt. Sentia-me demasiado irritada por tamanha intrusão na minha vida. Dissera ao padre Riordan que não queria encontrar-me com

eles e, no entanto, ali estavam. Os Pelt mais velhos devoravam-me com os olhos ávidos. Maria-Star chamara-lhes «selvagens». O adjectivo que me vinha à mente era «desesperados».

Sandra era outra história. Por ser a segunda filha, não era (não podia ser) uma metamorfa como os seus pais. Mas também não era uma humana completamente normal. Percebi algo que me fez concentrar. Afinal, Sandra Pelt era também uma metamorfa de algum tipo. Ouvira contar que os Pelt se preocupavam muito mais com a segunda filha do que com Debbie. Agora, captando fragmentos soltos de informação das suas mentes, percebia o motivo. Sandra Pelt podia ser ainda jovem, mas era formidável. Era uma lobisomem completa.

Mas isso não podia ser. A não ser...

Claro. Debbie Pelt, que se transformava em raposa, tinha sido adoptada. Aprendera que os lobisomens eram afectados por problemas de infertilidade e presumi que os Pelt tivessem desistido de ter uma cria lobisomem, adoptando uma criança que, pelo menos, fosse também metamorfa, ainda que não fosse como eles. Até uma raposa de sangue pleno deverá ter parecido preferível a uma humana comum. A seguir, os Pelt tinham adoptado outra filha, uma lobisomem.

— Sookie — disse o padre Riordan, com a sua voz de dicção irlandesa soando delicada mas infeliz. — A Barbara e o Gordon bateram-me hoje à porta. Quando lhes contei que tinhas dito tudo o que terias a dizer sobre o desaparecimento da Debbie, não ficaram satisfeitos. Insistiram que os trouxesse aqui.

A raiva intensa que sentia pelo padre acalmou um pouco. Mas foi substituída por outra emoção. O encontro deixava-me suficientemente nervosa para despertar o meu sorriso nervoso. Olhei os Pelt com um sorriso radiante e percebi a sua reprovação.

— Lamento a vossa situação — disse. — Lamento que não saibam o que aconteceu à Debbie. Mas não posso dizer-vos mais nada.

Uma lágrima escorreu pela face de Barbara Pelt e abriu a bolsa para tirar um lenço de papel. Passei-lho e a mulher limpou a cara.

— Achava que lhe roubava o Alcide — disse ela.

Não é correcto falar mal dos mortos, mas, no caso de Debbie Pelt, é impossível não o fazer.

— Sra. Pelt, vou ser franca — disse-lhe. Mas não completamente franca. — Quando desapareceu, a Debbie estava comprometida com outra pessoa, um homem chamado Clausen, se bem me lembro. — Barbara Pelt acenou afirmativamente, com relutância. — Essa união

deixou Alcide perfeitamente livre para sair com quem desejasse e passámos algum tempo juntos. — Não havia qualquer mentira naquilo. — Não nos vemos há semanas e já se envolveu com mais alguém. A Debbie não estava certa.

Sandra Pelt mordeu o lábio. Era magra, com pele clara e cabelo castanho-escuro. Usava pouca maquiagem e os seus dentes eram esplendorosamente brancos e alinhados. Os brincos de argola poderiam servir de poleiro a um periquito. Tinham tamanho suficiente. O seu corpo era magro e usava roupas caras, compradas nas lojas mais exclusivas do centro comercial.

Havia fúria na sua expressão. Não lhe agradava nada o que eu dizia. Era uma adolescente e senti ondas emocionais potentes na rapariga. Recordava como fora a minha vida quando tivera a idade de Sandra e senti pena dela.

— Já que os conhecia aos dois — disse Barbara Pelt, com cuidado, sem conferir importância às minhas palavras —, deverá saber que tinham... têm... uma relação intensa de amor alternado com ódio. Independentemente do que Debbie tenha feito.

— É verdade — disse e talvez não tenha soado suficientemente respeitosa. Se havia alguém a quem tinha feito um grande favor por matar Debbie Pelt, seria Alcide Herveaux. De outra forma, teriam passado anos a esgatanharem-se. Ou mesmo o resto das suas vidas.

Sam voltou-se quando o telefone tocou, mas vi-lhe um sorriso na cara.

— Sentimos que terá de haver alguma coisa que saiba, algum pequeno pormenor que nos poderá ajudar a descobrir o que aconteceu à nossa filha. Se... já não estiver entre nós, queremos que o seu assassino seja entregue à justiça.

Olhei os Pelt durante um longo momento. Conseguia ouvir a voz de Sam enquanto reagia com espanto a algo que lhe diziam pelo telefone.

— Sr. e Sra. Pelt, Sandra — disse —, falei com a polícia quando a Debbie desapareceu. Cooperei com eles sem reservas. Falei com os vossos investigadores privados quando vieram aqui, ao meu local de trabalho, tal como vocês também decidiram fazer hoje. Recebi-os em minha casa. Respondi às perguntas que me fizeram. — Só não o fiz com sinceridade.

(Eu sei. Assentava tudo numa grande mentira, mas fazia o melhor que podia.)

— Lamento muito a vossa perda e compreendo a ansiedade para descobrirem o que aconteceu à Debbie — continuei, falando pausadamente para poder escolher as palavras. Inspirei fundo. — Mas isto tem de terminar. Basta. Não posso dizer-vos mais do que tudo o que já disse.

Surpreendendo-me, Sam passou por mim e saiu para o bar, movendo-se com rapidez. Não disse uma palavra a nenhum dos presentes no gabinete. O padre Riordan seguiu-o com o olhar, sobressaltado. Fiquei ainda mais ansiosa pela saída dos Pelt. Algo se passava.

— Compreendo o que diz — disse Gordon Pelt, com rigidez. Era a primeira vez que falava. Não parecia agradado por estar onde estava ou por fazer o que fazia. — Sei que não agimos da melhor forma, mas estou certo de que conseguirei desculpar-nos se recordar o que nos sucedeu.

— Sim, claro — repliquei. Não sendo completamente verdade, também não era completamente mentira. Fechei a bolsa e guardei-a na gaveta da secretária de Sam onde todas as empregadas guardavam as suas. Apressei-me a sair para o bar.

Senti uma onda de agitação a dominar-me. Algo estava mal. Quase todos os cérebros no bar emitiam uma combinação de excitação com uma ansiedade que rondava o pânico.

— Que se passa? — perguntei a Sam, colocando-me a seu lado atrás do balcão.

— Acabo de dizer à Holly que ligaram da escola. O filho dela desapareceu.

Senti um arrepio formar-se na base da espinha e subir.

— Que aconteceu?

— A mãe da Danielle costuma trazer o Cody da escola quando vai buscar a pequena da Danielle, a Ashley. — Danielle Gray e Holly Cleary foram as melhores amigas durante o liceu e a sua amizade prolongou-se além dos casamentos falhados das duas. Gostavam de trabalhar no mesmo turno. A mãe de Danielle, Mary Jane Jasper, dava uma grande ajuda à filha e, ocasionalmente, a sua generosidade abrangia também Holly. Ashley teria cerca de oito anos e o filho de Danielle, Mark Robert, deveria andar pelos quatro. O único filho de Holly, Cody, tinha seis anos. Estava no primeiro ano.

— A escola deixou outra pessoa levar o Cody? — Ouvira dizer que as professoras se mantinham atentas a cônjuges não autorizados que tentavam levar os filhos.

— Ninguém sabe o que aconteceu ao rapaz. A professora de serviço, a Halleigh Robinson, estava à porta, vendo os miúdos entrarem nos carros. Diz que, de repente, o Cody se lembrou de ter deixado uma fotografia para a mãe na sua mesa e voltou a entrar na escola para a ir buscar. Não se lembra de o ver sair, mas não o conseguiu encontrar quando foi à sua procura.

— Então a Sra. Jasper esperava-o?

— Sim. Só restava ela, sentada no carro com os netos.

— É assustador. Suponho que o David não saiba de nada? — David, o ex de Holly, vivia em Springhill e voltara a casar. Notei a partida dos Pelt. Menos um motivo de preocupação.

— Aparentemente não. A Holly ligou-lhe para o trabalho e ele tinha lá estado durante toda a tarde, sem qualquer dúvida. Ligou à nova mulher dele e ela tinha acabado de chegar da escola de Springhill, onde tinha ido buscar os seus filhos. A polícia local foi à casa deles e fez uma busca, para se certificar. O David vem a caminho.

Holly estava sentada junto a uma das mesas e, apesar de ter a face seca, os seus olhos pareciam ter passado pelo Inferno. Danielle agachava-se a seu lado, segurando-lhe a mão e falando-lhe num tom simultaneamente urgente e tranquilo. Alcee Beck, um dos detectives locais, estava sentado à mesma mesa. Tinha um bloco e uma caneta à sua frente e falava ao telemóvel.

— Procuraram na escola?

— Sim. É lá que está o Andy. E também o Kevin e a Kenya. — Kevin e Kenya eram dois polícias fardados. — O Bud Dearborn está ao telefone a preparar um Alerta Laranja.

Pensei no que Halleigh sentiria naquele momento. Teria apenas uns vinte e três anos e era o seu primeiro trabalho como professora. Não fizera nada de mal, tanto quanto conseguia perceber... mas, quando uma criança desaparece, ninguém escapa à culpa.

Tentei pensar numa forma de ajudar. Era uma oportunidade ímpar para aplicar a minha pequena deficiência ao bem comum. Mantivera a boca fechada durante anos sobre assuntos de todo o tipo. As pessoas não queriam saber o que eu sabia. Não queriam estar por perto de alguém que conseguisse fazer o que eu conseguia. Tinha sobrevivido por manter a boca fechada, por ser mais fácil para os humanos em redor esquecer ou não acreditar, quando as provas da minha capacidade lhe eram esfregadas na cara.

Gostariam de estar por perto de uma mulher que saberia que en-

ganam a vossa cara-metade e com quem o fazem? Um homem gostaria de estar com uma mulher que percebesse o seu desejo de vestir roupa interior rendada? Gostariam de passar tempo com uma rapariga que conhecesse os juízos mais íntimos das outras pessoas e todos os vossos defeitos escondidos?

Bem me pareceu que não.

Mas, tratando-se de uma criança, como podia esquivar-me?

Olhei Sam, vendo que me olhava com uma expressão triste.

— É difícil, não é, querida? — perguntou. — Que vais fazer?

— O que tiver de fazer. Mas terei de o fazer agora — respondi.

Acenou afirmativamente.

— Vai à escola — disse. E parti.